



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

GIANE KIEFER

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA RELAÇÃO PAIS E FILHOS

Recanto Maestro-Restinga Sêca
2021

GIANE KIEFER

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA RELAÇÃO PAIS E FILHOS

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF.

Orientadora: Profa. Dra. Estela Maris Giordani

Recanto Maestro-Restinga Sêca
2021

GIANE KIEFER

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA RELAÇÃO PAIS E FILHOS

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Estela Maris Giordani
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Profa. Dra. Helena Biasotto
Membro da Banca Examinadora
Instituição AMF

Profa. Dra. Ana Marli Bulegon
Membro da Banca Examinadora
Instituição AMF

Recanto Maestro, 13 de agosto de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que esteve comigo durante toda esta caminhada acadêmica, aos meus mestres que me orientaram e me mostraram o quão linda é a Pedagogia. A minha orientadora de TCC, Dra. Estela Maris Giordani que me guiou nesta pesquisa, sem ela nada disso aconteceria. A minha banca avaliadora nas pessoas da Diretora Dra. Helena Biasotto e Dra. Ana Marli Bulegon que se dispuseram a estar aqui para preencher meus aprendizados acadêmicos. A professora Dra. Claudiane Weber por todos ensinamentos passados durante os semestres que caminhou com a turma. A cada aluno que tive a oportunidade de conviver e aprender durante todo este percurso, bem como as famílias dos alunos da turma 42, do quarto ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Reis de Agudo/RS, que se dispuseram a responder os questionários que deram vida a este trabalho.

DEDICATÓRIA

Amor significa:

“Escorro de mim, derramando-me em ti, para fazer-te mais” (MENEGETTI,
2012, p. 22)

Dedico este trabalho, Dra. Estela Maris Giordani que faz esta pedagogia com
tanto amor, buscando sempre nos fazer mais.

RESUMO

A pesquisa tem como objeto de estudo a Educação financeira realizada entre pais e filhos. Por estar contida na Base Nacional Comum Curricular estas devem ser trabalhadas como conteúdos transversais na educação Básica. O principal objetivo é verificar como está se dando a Educação financeira nas relações pais e filhos e quais hábitos existem em relação com o dinheiro. A pesquisa qualitativa, de campo, ocorreu por meio de questionários com onze pais de uma turma de 4º. ano dos anos iniciais da Escola Municipal Santos Reis da cidade de Agudo (RS). O questionário foi construído a partir dos temas: gratificação, orientação, organização financeira, desperdício/supérfluo. Os questionários foram enviados aos pais que responderam e, por meio da análise dos dados, foi possível perceber que a maioria dos pais não gratificam seus filhos, alguns lhe dão mesada. Para Meneghetti (2015), dar dinheiro às crianças ou oferecer a elas oportunidades para ganhar seu próprio dinheiro é o modo de desenvolver a autonomia financeira na criança. É preciso dar às crianças a autonomia para os filhos terem o contato com o real que o adulto vive, assim se tornarão adultos mais conscientes. Os pais em sua maioria admitem ter controle de gastos, porém não envolvem o filho nessa prática. D'Aquino (2014), sugere que os filhos fazem o que os pais vivem, então o controle de gastos deve ser uma responsabilidade desde da infância, afinal, na vida precisamos cuidar com responsabilidade do dinheiro. O consumismo, conforme Meneghetti (2013) é visto como supérfluo se não houver um critério de funcionalidade naquilo que o sujeito consome. A maneira de consumir pode variar em cada família mas, não dependerá de dinheiro, e sim daquilo que é considerado fundamental naquela situação, assim, se estabelece a diferença entre o consumo funcional e o supérfluo. Com a pesquisa revelou que com a educação financeira é possível desenvolver autonomia e responsabilidade nas crianças e sobretudo, ela é um modo da família e da escolas inserirem o grande ausente, o estado.

Palavras-chave: Educação financeira. Relação pais e filhos. Gestão financeira.

ABSTRACT

The research has as object of study the Financial Education performed between parents and children. Because it is contained in the Common National Curriculum Base (BNCC), it should be worked as transversal contents in Basic education. The main objective is to verify how financial education is taking part in parent-child relationship and what habits exist in relation to money.

The qualitative field research occurred through questionnaires with eleven parents of a 4th grade class of the Municipal Elementary School Santos Reis of the city of Agudo (RS). The questionnaire was constructed from the themes: gratification, guidance, financial organization, waste/superfluous. The questionnaires were sent to the parents who answered, and, through data analysis, it was possible to notice that most parents do not reward their children, some give them allowance. For Meneghetti (2015), giving children money or offering them opportunities to earn their own money is the way to develop financial autonomy in the child. It is necessary to give children the autonomy to have contact with the real that the adult lives, so they will become more conscious adults. Most parents admit to having control of expenses, but do not involve the child in this practice. D'Aquino (2014), suggests that children do what parents live, so spending control should be a responsibility from childhood, after all, in life we need to take responsibility for money.

Consumerism, according to Meneghetti (2013) is seen as superfluous if there is no criterion of functionality in what the subject consumes. The way of consuming may vary in each family, but it will not depend on money, but on what is considered fundamental in that situation, thus, the difference between functional and superfluous consumption is established. With the research revealed that with financial education it is possible to develop autonomy and responsibility in children and above all, it is a way for the family and schools to insert the great absentee, the state.

Keywords: Financial education; parent-child relationship; financial management.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CAMINHOS PERCORRIDOS NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	13
3 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS FAMÍLIAS PESQUISADAS	17
3.1 A ORIENTAÇÃO FINANCEIRA QUE AS FAMÍLIAS PESQUISADAS FAZEM AOS FILHOS.....	18
3.2 APRENDIZAGEM DA ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA NAS FAMÍLIA PESQUISADAS	24
3.3 O CONSUMISMO FUNCIONAL E O SUPÉRFLUO.....	31
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE 1 – QUADROS PERGUNTAS	49
QUADRO 1 - PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS FAMÍLIAS	49
QUADRO 2 - GRATIFICAÇÃO E ORIENTAÇÃO SOBRE O DINHEIRO	50
QUADRO 3 - ORIENTAÇÃO NO COTIDIANO COM O DINHEIRO.....	51
QUADRO 4 - CRITÉRIOS DE CONSUMO E HÁBITOS SUPÉRFLUOS	52
APÊNDICE 02- QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELAS FAMÍLIAS	54

1 INTRODUÇÃO

A Educação financeira é uma temática que nem sempre agrada a todos, pode incomodar muita gente que talvez não aprendeu a como lidar com tal dimensão existencial. Um jovem para que tenha segurança, conforme Meneghetti (2013), deve alcançar três autonomias, e a primeira delas é a econômica, de se auto sustentar. Contudo, a problemática do auto sustento que aparece de modo mais concreto quando o indivíduo é jovem, foi de algum modo construída na educação que a família lhe propiciou em como lidar com o dinheiro.

A motivação em realizar esta pesquisa foi porque fomos educados em uma família, na qual houve orientação e organização financeira, equilibrando ganhos e despesas. Os pais sempre trabalharam desde jovens. A mãe saiu de casa aos 12 anos de idade para trabalhar como doméstica e babá, o que ganhava utilizava para ajudar a sua família, pois seu pai não era habituado a economizar. Por isso, ela precisava pagar todas as contas feitas pelo seu pai. Com o passar de alguns anos de trabalho, foi convidada a substituir temporariamente uma funcionária, pois esta precisava de alguém de confiança para ficar em seu lugar. Foi então que houve o primeiro contato com o que hoje é seu trabalho a mais de trinta anos. Deste trabalho, passou de funcionária à gerente e, logo à proprietária. Conquistou uma vida de conforto, mas com muito trabalho e principalmente muita organização financeira.

A temática também nos instiga porque temos prazer por esta área, sempre mantivemos o hábito de nos familiarizar com o dinheiro, tendo a consciência de que ele poderia nos dar muitas coisas se cuidarmos bem dele desde a infância. Por exemplo, se tivéssemos um tênis, usávamos até acabar, o dinheiro que ganhávamos era porque fazíamos por merecer: lavando o carro, limpando a casa, guardando tudo e com muito orgulho de ter feito as economias. Também, comíamos a merenda da escola, pois não ganhávamos dinheiro para gastar no barzinho. Não ficávamos em casa para assistir TV e assim, não éramos expostos às tentações do consumismo. Ficávamos junto com a mãe em seu trabalho. Fazíamos os serviços de pagamentos de banco,

mercado, ou daquilo que fosse preciso. Com isso, aprendemos desde cedo a rotina de um adulto e podíamos observar como ganhar dinheiro e o esforço que era preciso para isso. Hoje somos adultos responsáveis e conscientes com tudo que temos, porque usamos táticas para não gastar dinheiro desnecessário. Entendemos que foi por meio dessa forma de ser educada que conquistamos nosso auto sustento, o que levou a adquirir um pequeno negócio em nossa cidade.

Desde tenra idade guardávamos dinheiro, nem sabíamos o que era uma poupança em banco, guardávamos tudo em casa. Lavávamos o carro para nosso pai, pedíamos o troco do mercado e guardávamos no cofrinho. Um dia ele estava cheio e decidimos comprar um micro-ondas (poucas famílias tinham), contamos as moedas e trocamos no comércio, não havia o valor suficiente para adquirir o micro-ondas, mas tínhamos quase tudo. A parte que faltava nossa mãe custeou e assim, compramos o nosso micro-ondas.

Outra meta financeira que tínhamos era fazer a festa de quinze anos - acho que é o sonho de todas as meninas. Faltavam uns três anos ainda para isso e frequentávamos a catequese para fazer a primeira eucaristia. Desde cedo manifestamos que não queríamos a festa de confirmação porque apenas gostaríamos de ter, aquela de quinze anos. Nosso pai decidiu fazer a festa de primeira eucaristia, à época tínhamos onze anos. Ele convidou mais de cem pessoas, gostamos de ter uma festa, mas tivemos que pagar a festa com o dinheiro que havíamos ganhado (em nossa comunidade o costume em festas grandes é dar dinheiro de presente), ou seja, não houve lucro nenhum fazer a festa.

Aos treze anos de idade decidimos abrir uma conta poupança para começar a guardar dinheiro para a tão esperada festa de quinze anos, pois o sonho, era ter uma festa com tudo que tinha direito. Nossa mãe foi conosco abrir a conta porque éramos menores de idade. Ela nos incentivou muito a ter uma conta para guardar dinheiro, porém, quando falávamos que era para a festa de quinze anos ela dizia que não iríamos querer gastar esse dinheiro, era muito dinheiro. Nossa mãe ainda brincava que iríamos colocar o dinheiro em um montinho para ver o montante que daria. Pois bem, desistimos da festa de quinze anos, porque uma menina conhecida havia trocado a sua festa por um carro e isso nos estimulou a fazer diferente. Porém, como nossa mãe não

gosta muito de dirigir carro, e ainda não poderíamos conduzir ele, acabamos deixando o dinheiro na poupança.

Com dezenove anos tivemos o nosso primeiro emprego como secretária. Com o salário que recebíamos pagávamos a faculdade e o transporte, assim, podíamos guardar toda a pensão recebida do pai. Um certo dia resolvemos fazer carteira de motorista, mas não queríamos deixar a carteira para bonito na bolsa (como nossa mãe fez). Então vimos em uma revenda de carros um Ford KA 1998, foi amor à primeira vista. Calculamos se tínhamos todo esse dinheiro, pois precisaria deixar uma reserva caso ocorresse algum imprevisto. Negociamos, pechinchamos e conseguimos comprar o primeiro carrinho.

Temos o hábito de pensar e repensar quando queremos comprar uma roupa ou qualquer coisa, analisamos se realmente precisamos disso e se vai ser útil. As mídias incentivam muito o consumismo das pessoas. Por isso, vemos a necessidade de trabalhar hábitos financeiros saudáveis com crianças, pois elas estão expostas ao contexto do consumismo e muitos pais ainda acreditam que esse assunto não é adequado para tratar com seus filhos. Contudo, o consumismo, o dinheiro, são sim assuntos para serem trabalhados com as crianças, pois fazem parte de valores que as famílias precisam passar para seus filhos. Muitos pais não tiveram essa orientação quando eram crianças, por isso talvez, não considerem importante essa dimensão educativa.

Pregardier (2016) desenvolveu em sua pesquisa um método para realizar a educação financeira nas famílias e na escola. Diante da pesquisa realizada por esta autora nos surgiram alguns questionamentos que de alguma forma, buscamos responder na pesquisa que desenvolvemos: será que as famílias realizam a educação financeira, se realizam, como ocorre essa educação? Quais seriam os estereótipos que as famílias possuem e que poderiam acarretar em situações concretas que dificultariam ou até mesmo impediriam de realizar a educação financeira?

A educação financeira também figura como meta do Banco Central do Brasil (BCB), que, por meio da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), busca desenvolver a cidadania financeira, que é definida como “o exercício de direitos e deveres que permite ao cidadão gerenciar bem seus

recursos **financeiros**” (BCB, 2021, s/p)¹. Embora esta política seja legítima pois pode auxiliar muitas pessoas a conseguirem ter uma relação equilibrada com seus recursos financeiros, nossa preocupação é antecipar e até mesmo prevenir essa situação de administração ineficiente da economia pessoal. Desta forma, entendemos que é preciso pensar na educação financeira no contexto da família, pois, conforme indica D'Aquino (2014), a prática da educação financeira pode iniciar em tão tenra idade quando a criança, aos quatro meses, já pode aprender o comportamento de espera. Segundo a autora, a ausência desse comportamento pode levar as pessoas quando adultas a ter problemas, pois não conseguem respeitar os limites de seu crédito bancário.

Do ponto de vista prático, no contexto da educação familiar, os comportamentos em relação às finanças, muitas vezes, é de difícil abordagem para os pais e até mesmo ausentes. A pesquisa que desenvolvemos pode ser útil para identificar as dificuldades que as famílias possuem para realizar a educação financeira, a fim de desenvolver projetos de intervenção que sejam focados em concretamente respaldar as ações que favoreçam boas práticas de educação financeira desde a primeira infância. Pautada sobre as concretas formas de pensar e agir das famílias, podemos construir processos educacionais que considerem não apenas a educação das crianças mas sobretudo, modificar a forma de como os adultos vivem a sua relação com o dinheiro, atingindo assim, a meta também proposta pelo BCB.

A escola é responsável pela condução da educação formal do aluno desde o seu ingresso na educação infantil até o ensino médio. Nesse período o aluno passará sua maior parte do tempo na escola. Por esse motivo, cabe a ela proporcionar aos seus educandos aprendizagens que lhes auxiliem a viver de forma plena sua potencialidade, sendo útil para a sua vida. A Base Comum Curricular (BNCC), é fruto de muitos estudos entre educadores e instituições de ensino e sociedade civil e busca o pleno desenvolvimento de seus aprendizes pertencentes à rede de ensino básico no Brasil. A educação financeira faz

¹ <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira> O BCB, busca a cidadania financeira por meio de quatro estratégias: inclusão financeira, educação financeira, proteção do consumidor e participação.

parte do currículo, pois é papel das instituições de ensino garantir a aprendizagem e pleno desenvolvimento do sujeito.

A escola é o ambiente em que crianças e jovens adquirem não apenas conhecimentos, como também a capacidade de viver em sociedade, fazendo escolhas que influenciarão na realização dos seus sonhos e suas atitudes influenciam na sociedade. A educação financeira, entendida como um tema transversal, dialoga com as diversas disciplinas dos currículos do ensino fundamental e médio, de forma a possibilitar ao estudante compreender como concretizar suas aspirações e estar preparado para as diversas fases da vida (CENPEC/EDUCAÇÃO/ENEF, 2019, s/p).

A escola deixou de ser o lugar pensado somente para abordar apenas os conteúdos programáticos de maneira desvinculada da vida da criança. Passou a ter como finalidade a formação de valores humanos básicos para a vida do educando, que a frequenta desde a sua infância até a vida adulta. Nela, é necessário o diálogo e o trabalho com temas transversais que farão parte de toda vida do sujeito. A educação financeira não é diferente, ela não pertence somente às aprendizagens da matemática, mas de várias outras áreas do currículo escolar. Principalmente, a educação financeira, assim como outros temas importantíssimos a serem trabalhados com os alunos, acompanharão o indivíduo por toda a sua vida.

Diante disso, a pesquisa possui como objetivo geral compreender como ocorre o aprendizado da organização financeira no contexto familiar nas vivências entre os pais e filhos para assim refletir acerca dos impactos destas práticas no contexto da vida social, ou seja, buscamos, estudar como as famílias têm realizado as práticas de educação financeira para seus filhos por meio de algumas situações. Estabelecemos ainda, alguns objetivos específicos, quais sejam: 1) identificar como os pais realizam a orientação financeira de seus filhos; 2) conhecer a forma de gestão financeira vivenciada pelas famílias e, 3) analisar se ocorrem práticas de consumismo nas famílias pesquisadas.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho foi construído a partir da abordagem qualitativa e se constituiu em uma pesquisa de campo. A opção por essa abordagem foi porque, na condição de pesquisador, estamos imersos e implicados no contexto da investigação. Além disso, quando indagamos sobre as práticas de orientação financeira das famílias com seus filhos, nos remetemos também, a como os nossos pais nos deram orientações em relação ao dinheiro, as quais repercutem até hoje em nossas vidas.

Segundo Alves (1991), a pesquisa qualitativa faz relação, entre pontos de concordância e divergência na análise dos dados coletados. Diferencia-se de uma investigação positivista, pois não utiliza números ou nenhum tipo de porcentagem, e sim, busca valores em comum ou diferentes entre as informações às questões respondidas pelos pesquisados.

Para os 'qualitativos' a realidade é uma construção social da qual o investigador participa e, portanto, os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que leva em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas, o que exclui a possibilidade de se identificar relações lineares de causa e efeito e de se fazer generalizações de tipo estatístico (ALVES, 1991, p. 55).

O que ressalta ainda mais nossa pesquisa como qualitativa é que estamos imersos no contexto social e, como educadores, nos contextos escolares, o que nos coloca na condição de podermos analisar de forma muito mais real as questões trazidas pelos pesquisados. E, por conhecermos o contexto escolar e as famílias que fizeram parte da investigação, nos facilita um entendimento das questões a serem estudadas. Por este motivo escolhemos a pesquisa qualitativa, dela surgiu a oportunidade de estabelecer uma análise mais rica em termos de informações do contexto pesquisado.

Para delimitar a amostra da pesquisa de campo, optamos pelo critério de conveniência, pois como realizamos o estágio no quarto ano do ensino fundamental na turma 42 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Reis na cidade de Agudo/RS, encaminhamos os questionários para as crianças entregarem aos pais para serem respondidos e, posteriormente devolvidos.

Foram entregues 14 questionários e retornaram 11, sendo que a totalidade destes foram validados. As questões elaboradas se referiram ao tema da pesquisa educação financeira, a partir das quais os pais revelaram suas práticas com os filhos.

As questões indicam os principais aspectos de interesse do pesquisador no contexto do estudado. Elas podem ser mais gerais ou mais específicas e podem ou não ser precedidas da escolha de um referencial teórico, embora alguns autores, como Yin (1985), consideram que estes ajudem a formular questões mais relevantes (ALVES, 1991, p. 57).

O nosso principal objetivo ao enviar os questionários aos pais, foi compreender como eles, no papel de adulto referência de seus filhos, estão tratando sobre as temáticas que envolvem educação financeira. A opção pelo questionário como técnica de coleta de dados foi porque percebemos que a temática poderia despertar um certo desconforto para os pais pesquisados se a coleta de dados fosse em formato de entrevista. O questionário ao ser respondido pelo pesquisado em seu ambiente privado, sem a presença do pesquisador, não interfere diretamente pelo fato dele não se sentir observado e julgado, podendo expressar-se livremente sem a pressão do receio do julgamento do pesquisador. Assim, para manter o anonimato dos questionários, à medida em que cada um retornou, foi atribuído um código F1, significando "família 1" e assim até a F11, ou seja, família 11.

Ao contrário do que ocorre com as pesquisas tradicionais, nos estudos qualitativos frequentemente não é possível indicar no projeto quantos e quais serão os sujeitos envolvidos, embora sempre seja possível indicar alguns, bem como a forma pela qual se pretende selecionar as demais (ALVES, 1991, p. 59).

Em nossa pesquisa analisamos as respostas das famílias, buscando agrupar as informações semelhantes e aquelas diferentes, para encontrar os diversos aspectos que envolvem a complexa relação do ato de educar os filhos. O questionário foi elaborado especialmente para esta pesquisa a fim de responder aos objetivos propostos e conteve o número de vinte questões, com as seguintes temáticas: gratificação/orientação, modo de uso/ organização financeira/investimento e supérfluo/desperdício. Todas as questões estão relacionadas ao contexto diário das famílias e, com as respostas,

posteriormente realizamos, reflexões e correlações entre a educação financeira, formas de pensar dos pais e seus hábitos e práticas passadas aos filhos que geram costumes e se instituem em práticas sociais reproduzidas de geração em geração.

Os questionários continham questões apenas abertas nas quais os pais puderam expor suas respostas de maneira mais completa para que pudéssemos entender as particularidades de como cada família realiza a educação financeira. Também foi entregue junto ao questionário um termo de confidencialidade e livre esclarecido, para que os pais entendessem que suas respostas seriam usadas somente para o trabalho de conclusão de curso e se estivessem de acordo com os termos, poderiam contribuir oferecendo informações fidedignas, sem ter qualquer identificação e juízo moral.

Esta pesquisa também pode ser classificada como exploratória, pois visa conhecer a questão a ser estudada. “As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses” (GIL, 2010, p. 27).

Por ser um assunto que está perpassando em nossos currículos escolares como conteúdos transversais, é de suma importância investigar a forma que são tratados os assuntos básico da rotina dos filhos como mesada, despesas no supermercado e controle de gastos, etc., pois a escola terá um papel fundamental ao trabalhar os ensinamentos das finanças com as crianças e adolescentes.

Identificamos cada questionário ao ser recebido com um número para indicar a família que respondeu como por exemplo F1, F2 até o F11. Em seguida, organizamos quadros com todas as respostas, de cada família, sobre determinada temática. Portanto, as respostas dos participantes da pesquisa foram exploradas e analisadas conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977). Procuramos verificar se existe alguma característica que possa demonstrar as práticas sobre educação financeira nas famílias pesquisadas dos alunos do quarto ano. “Na análise qualitativa é a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração” (BARDIN, 1977, p. 21). Para fazermos a análise das informações trazidas nas respostas, as organizamos em temáticas semelhantes, formando um conjunto

de características que nos permitiram fazer uma relação com os objetivos a serem estudados.

As temáticas que emergiram na pesquisa foram: gratificação, orientação, organização financeira, desperdício e supérfluos. Posteriormente, para realizar a análise de cada uma das temáticas as quais foram construídas as perguntas do questionário. Todas as respostas foram lidas e relidas várias vezes para poder agrupar as informações semelhantes. Os dados revelados pelos pesquisados foram sendo trazidos e explorados no texto, tecendo assim a reflexão e análise sobre eles, relacionando-os com os princípios teóricos que fundamentaram esta pesquisa.

3 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS FAMÍLIAS PESQUISADAS

O caminho a ser traçado com este trabalho, busca mostrar que a educação financeira não se refere somente ao dinheiro, de tê-lo ou não, inclui a maneira que o sujeito se comporta frente aos bens que possui. Também é preciso analisar quais ensinamentos estão sendo passados às crianças e se elas estão ou não ativas a está rotina financeira. Às vezes os pais possuem um controle financeiro, anotações, listas de gastos, pagamentos, entrada e saída de dinheiro, porém muitos pensam não ser assunto de criança e acabam não incluindo essa dimensão na educação familiar de seus filhos. Falar sobre educação financeira é assunto de criança também, e deve ser mostrada na prática assim como um “bom dia”, por exemplo. Para isso, é necessário despertar na criança o interesse sobre a educação financeira e mostrar a ela, que se ela gerir com responsabilidade, seu dinheiro será funcional para sua vida. Assim, a educação financeira poderá contribuir na auto realização futura dos filhos.

Educação financeira é um processo que leva a despertar a consciência responsável de como gerir a si mesmo e ao ambiente de forma funcional. Este despertar a consciência é um processo e um dever de cada indivíduo que permite a este manipular os meios disponíveis como o dinheiro, o tempo, o ambiente, etc., de forma a contribuir com a auto realização (PREGARDIER, 2016, p. 466).

Portanto, cabe, também aos pais, a responsabilidade de realizar essa tarefa, isso implica em explorar, antes de mais nada, os hábitos que influenciam positivamente ou não as crianças em suas atitudes que poderão refletir no seu futuro como adultos. D’Aquino traz em sua obra a importância de ensinar os filhos a respeitarem e cuidarem das finanças tudo isso desde de muito cedo.

Convém não perder de vista que ensinar às crianças a importância de ser cuidadoso com as finanças implica demonstrar na prática, como isso deve ser feito. Na vida só aprendemos a respeitar aquilo que conhecemos. Com o dinheiro do país não é diferente. Por isso, o primeiro passo para a educação financeira formal da criança consiste em estimulá-la a reconhecer e manipular adequadamente as moedas, em uma primeira fase e, em seguida, as cédulas” (D’AQUINO, 2014, p. 26).

Quando falamos em crianças é necessário relacionar tudo à prática, pois eles entendem tudo ao pé da letra. Portanto, o adulto precisa ser verdadeiro com a criança. Não é errado falar de dinheiro com as crianças, nem levá-la ao supermercado, e isso já pode começar a ser feito a partir dos três anos de idade, explicando para a criança que o papai e a mamãe vão sair para um lugar chamado trabalho, sendo desse trabalho que eles ganham dinheiro e esse dinheiro eles compram as coisas que todos tem, na casa, a roupa que vestem e a comida que comem. Também, não é errado conscientizar a criança desde cedo a cuidar das suas coisas, pois se não cuidar, irá precisar de uma nova assim os seus genitores terão que gastar dinheiro comprando de novo, e esse dinheiro não sobrar para fazerem outras coisas. Em muitas famílias existe um controle de gastos, porém as crianças não participam deste, podar a criança desta participação é errado, pois ela necessita ter esse contato com a realidade do adulto, pois um dia adulto será e não saberá como agir.

A seguir vamos explorar as respostas das famílias ao questionário, bem como realizar a análise e compreensão destes dados por meio dos estudos e de autores que tratam da educação financeira para assim, conhecer o comportamento das famílias entrevistadas e relacionar o impacto destas práticas, do ponto de vista pedagógico, ou seja, como está ocorrendo a orientação financeira aos filhos.

3.1 A ORIENTAÇÃO FINANCEIRA QUE AS FAMÍLIAS PESQUISADAS FAZEM AOS FILHOS

Compreender como as famílias fazem a educação financeira para os filhos é fundamental, porque são estas práticas que formam os hábitos e determinam a forma de relação que posteriormente a criança, quando adulto, vai ter nos confrontos em sua vida pessoal e social. Pois, conforme Meneghetti (2015), um dos grandes ausentes na educação da criança é o aprendizado da sociedade e de si mesma. E, a aprendizagem de como lidar com o dinheiro, faz parte de saber como se posicionar no contexto social e de vida concreta nas relações com os outros.

Mais que a vida, o grande problema para resolver é a sociedade. Por esse motivo, a criança deve ser ajudada com amor a saber ser autônomo economicamente. As crianças tem vontade de trabalhar e a democracia social deve encontrar o modo de dar à criança a possibilidade de fazer pequenos trabalhos com os quais ganham alguma coisa para comprar para si o brinquedo, o livro, o gibi. É fundamental a precocidade da economia autônoma na medida da criança. É necessário ajudar a criança a saber ser autônomo economicamente, *autônomo psicologicamente e funcional socialmente* (Grifo do autor) (MENEGETTI, 2014, p. 211).

A autonomia psicológica e funcional socialmente também implica na educação da criança em aprender desde os primeiros anos de vida, a gerir a pequena economia. Meneghetti (2015) a partir dos dois anos a criança já consegue entender com realismo o contexto da sociedade, indica portanto fazer uma educação leal e direta:

[...] entre os dois e os seis anos, já é necessário saber que a criança possui um seu Eu fundado sobre a sua individuação, sobre o seu utilitarismo funcional. Já possui uma identidade de ação, já possui um movente. E é por esse movente que ele se adapta aos diversos teatros, às diversas educações, porque tem medo. Porque se adaptando, espera que, depois, possa sair de casa, colocar calça, colocar as meias, poderá ir brincar. É uma adaptação (MENEGETTI, 2015, p. 60).

Por isso, na pesquisa buscamos compreender como os pais fazem essa orientação para os filhos. Das onze famílias pesquisadas, apenas três famílias relatam que dão mesadas para os seus filhos. Em relação aos valores das mesadas, das três famílias (F4, F8, F9), uma disse que o valor era de R\$60,00 iniciou a pagar desde quando o filho tinha 8 anos (iniciou a dois anos atrás). E, a outra família, respondeu que o valor era R\$ 50,00 e iniciou a pagar a um ano atrás quando o filho tinha 9 anos. A outra família (F7) não revelou o valor de quando paga por mês para o filho. Uma família (F4) respondeu que paga previdência privada à filha, realizando depósito bancário todo mês. Das famílias pesquisadas, apenas uma (F4) diz pagar às vezes R\$ 5,00 para o filho arrumar o quarto. Já as demais seis famílias, nenhuma relatou pagar para os filhos fazerem tarefas como: limpar o quarto ou lavar a louça, por exemplo.

Nenhum destes afazeres domésticos realizados pelas crianças devem ser vistos como exploração do trabalho infantil. Pois, percebemos ainda que, muitos pais, possuem o estereótipo de que não podem pedir aos filhos para auxiliar nas pequenas tarefas do cotidiano da vida em família, pois seria

considerado crime. Vargas (2018), relata que atividades como estas devem fazer parte da rotina das crianças para que possam aprender as responsabilidades de uma vida autônomo

Nem todo tipo de trabalho realizado por crianças pode ser classificado como trabalho infantil, visto que, o Artigo 1.634 - inciso IX da Lei nº 10.406 de 10 de Janeiro de 2002 institui que os pais devem exigir dos filhos até 18 anos: respeito, obediência e fazer serviços domésticos próprios para a sua idade. Conforme o entendimento desta lei, a visão de trabalho se diferencia do trabalho infantil como exploração e para uma compreensão de desenvolvimento ao protagonismo e a autonomia da criança (VARGAS, 2018, p. 04).

É possível perceber, que a maioria dos pais não pagam para os filhos realizarem tarefas em casa nem recebem mesada. As respostas trazidas pelos questionários, em sua maioria, foram de negação ao pagamento de qualquer valor ao seu filho, nem mesada nem por realização de alguma tarefa. No entanto, os pais que pagam, justificaram como um incentivo a aprender a cuidar do dinheiro, sendo que, a maioria dos filhos dos entrevistados possuem cofrinho para guardar moedas ou cédulas de dinheiro recebidas de troco. É possível observar pelo questionário que as crianças quando economizam, esta é destinada a compra de jogos, brinquedos ou para gastar nas férias.

Para D'Aquino (2014) a mesada não deve ser uma forma de pagamento como gratificação, por exemplo a criança ir bem na escola e, nem mesmo como punição por ter feito algo considerado errado. A mesada deve ser acordada entre as partes de forma a estabelecer a situação concreta que explicita porque estará recebendo o valor e nunca assumindo uma forma de gratificação. A mesada pode ser dada para uma economia futura da criança F9 relata que "Ela tem previdência privada, onde não tem acesso apenas com 18 anos, minha filha mais velha comprou seu carro com a poupança, os valores são depositados mensalmente". Arcuri (2018), argumenta que a mesada apenas se justifica quando ela possui um objetivo de curto, médio ou longo prazo.

Com três até os cinco anos, já é possível introduzir um "dinheirinho" semanal, respeitando sempre um dia específico da semana. "Nessa faixa etária uma cédula de R\$ 2,00 ou moedas de valor equivalente são suficientes" (D'AQUINO, 2014, p. 55). Aos pais que preferem não dar dinheiro aos filhos a

tal mesada, talvez por pensar que necessita ser um valor alto, no entanto, é possível começar com um pequeno valor, assim, instigando aos poucos a criança a saber o que é o dinheiro.

A autora também traz a importância da criança ter um pote transparente para deixar o dinheiro assim ela poderá visualizar o crescimento do dinheiro. “Os pais devem providenciar um pote de vidro com tampa para que, guardando uma parte da semanada, a criança possa ver e se orgulhar do crescimento de sua micro poupança” (D’AQUINO, 2014, p. 55). Ao observar semanalmente o dinheiro, a criança sempre se remeterá a aquele seu cofrinho de vidro, que quando surgir uma oportunidade para guardar algumas moedinhas, ninguém irá precisar falar, como o caso da F6 “A maior parte dos valores recebidos elas guardam no cofrinho sem eu precisar falar” (Resposta F6).

Conforme a abordagem da Pedagogia Ontopsicológica, expõe que faz bem para a autonomia e o crescimento da criança, realizar certos trabalhos para conseguir dinheiro e com ele comprar algo que queira. Aprendendo assim, o valor financeiro e começando a dar início a sua autonomia. Promovendo o desenvolvimento pleno do infante (VARGAS, 2018, p. 04).

Além disso, o fato de poder ganhar o seu próprio dinheiro, e o encantamento ao ver aquelas moedinhas aumentarem dentro do cofrinho, estimula as crianças a quererem juntar cada vez mais. As crianças, por sua vez, não necessariamente querem gastar aquele dinheiro, porém os adultos que já podem estar estimulados a gastar, pensam que seus filhos também são assim.

Jamais deve ser esquecido o egoísmo voluntarístico, o primado egóico absoluto que a criança quer no ambiente e que será exprimido em cada comportamento seu: se o adulto não der importância ao brinquedo, por imitação, nem a criança o dará (MENEGETTI, 2014, p. 54).

Com essa premissa podemos entender que a criança, para garantir o seu primado egóico e se afirmar no contexto, fará o que o adulto indicar, se comportará em conformidade com a importância manifesta pelo adulto em relação aquela situação ou temática. Assim, a criança irá agir do mesmo modo, se o adulto demonstra importância à organização financeira, a criança irá demonstrar também, pois o filho vai imitar os valores expressos pelos pais.

Quando questionadas, sobre o que seu filho faz com o dinheiro que recebe (pergunta 3 do questionário). As famílias F1, F3, F5, F6 e F10, não responderam, pois não dão dinheiro aos filhos. A família F2, diz ter interesse em que seu filho gasta o dinheiro. Os outros pesquisados, responderam que os filhos guardam para comprar jogos de PlayStation (F4), é guardado em uma poupança (F7), gasta em guloseimas (F8) e economiza durante meses para comprar brinquedos (F9).

Pode ser que os pais não deem mesada pelo motivo que, sustentam a maioria das despesas da casa e também aquelas de seus filhos (comida, escola, vestimenta, etc.). Quando perguntados se os filhos possuem responsabilidades nas tarefas domésticas é possível perceber, que a maioria dos filhos não recebem pagamento por realizarem tarefas. Contudo, existe uma demanda de responsabilidades a serem feitas pelos filhos: arrumar a bagunça que fazem, lavar/secar louça, cuidar do quarto e dos animais de estimação, estão entre as atividades da rotina das crianças. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente Lei federal nº 8.069, criada em 1990, título III (da prevenção), Capítulo I (Disposições Gerais) que preconizam: “Art. 71- A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento” (BRASIL, 2016, p. 45). Desta forma, se as crianças têm este direito é preciso que os pais busquem dar aos filhos esse desenvolvimento. A educação financeira, por mais que possa não estar descrita diretamente, está subentendida a essa compreensão, pois tudo isso envolve dinheiro e os pais devem mostrar para os filhos que é preciso ter uma organização financeira para ter qualidade de vida. Conforme o Banco Central do Brasil,

Desde cedo, começamos a lidar com uma série de situações ligadas ao dinheiro. Para tirar melhor proveito do seu dinheiro, é muito importante saber como utilizá-lo da forma mais favorável a você. O aprendizado e a aplicação de conhecimentos práticos de educação financeira contribui para melhorar a gestão de nossas finanças pessoais, tornando nossas vidas mais tranquilas e equilibradas sob o ponto de vista financeiro (BCB, 2013, p. 12).

As responsabilidades com a organização da casa, a higiene e a alimentação promovem a autonomia das crianças. Aprendendo estes valores e

desenvolvendo nelas estas competências, seguirão posteriormente, na vida adulta, não se tornando dependentes. Por isso, não é recomendada nenhuma forma de gratificação, pois estas fazem parte do compromisso do sujeito. A não ser, que ocorra um combinado de partes (mãe/ filho) no qual estabelece como por exemplo: “a partir de hoje você irá fazer tal coisa, em tais dias e para isso receberá x valor”. Desta maneira, haverá um pacto e a criança terá que cumprir, para receber o valor por ter realizado aquela atividade. Vidor (2017) acrescenta que,

A gratificação só é válida para confirmar o merecimento da criança e, especialmente, quando demonstra sacrifício ao superar dificuldades. A criança não pode ser manipulada, mas respeitada em seu valor e identidade distinta, isso é importante a partir do nome que a ela se dá. Às vezes, o Professor Meneghetti dava (sugeriu) outro nome próprio a alguns adultos, para que pudessem retomar o endereço e o caminho condizente à própria identidade. Nenhum ensinamento externo pode ser imposto, de modo absoluto, para possibilitar a criança a ver que pode errar e corrigir-se sem a agressão externa. A liberdade pode ser ajudada, mas não ensinada (VIDOR, 2017, p. 68)

Assim, tanto na relação com o dinheiro, quanto em qualquer outra relação educativa, o adulto deve ter presente essa premissa para o sadio crescimento e evolução da criança. Apesar de receberem dinheiro dos pais, muitas vezes os filhos podem não receber uma orientação adequada sobre o uso, talvez por ser um valor pequeno, ou até mesmo pelos pais se preocuparem com as despesas maiores. Podemos observar ainda, que existe uma prática dos pais em não dar dinheiro aos filhos, por entenderem que eles já sustentam seus filhos. É possível perceber isso na questão em que foram indagados se sempre dão dinheiro aos seus filhos e com que frequência e, se quando é solicitado o dinheiro, orientam como utilizar o valor. Os pais que responderam positivamente, que dão dinheiro, perguntam aos filhos qual é o motivo e aproveitam para dar orientação sobre seu uso. Os pais F8 e F9, que falavam dar mesada aos filhos, relatam que não dão dinheiro quando solicitado, pois o filho ganha mesada e permitem que comprem o que gostam de comer, porém se acabar o dinheiro, terão que esperar até o próximo mês.

Conforme D’Aquino, muitos pais aderem a mesada como primeiro incentivo à educação financeira. Porém, ela não deve ser de maneira de

agradar ao filho que foi bem na escola, nem como qualquer forma de gratificação.

Em primeiro lugar, a função primordial da mesada deve ser a de possibilitar que a criança seja igualmente capaz de ordenar um orçamento, definir escolhas para o dinheiro e de desenvolver um plano de poupança. Em segundo lugar, a mesada é apenas uma dentre várias outras maneiras de se apresentar aos filhos o bê-á-bá das finanças (D'AQUINO, 2014, p. 53).

Com o que é trazido pela autora no trecho acima, nos remete a uma reflexão sobre a venda das roupas das crianças em sites de desapegos, ou em brechós. Foi indagado aos pais se os filhos tomam a iniciativa de vender as próprias roupas. Quando perguntados o que acontece quando as roupas dos filhos não os serve mais, os pais relataram que fazem doações ou que revendem aquelas em bom estado: F3 afirma que as roupas são revendidas em um brechó que possuem, F6 afirma que todas as roupas são doadas como uma forma de gratidão' "Se você quer ganhar mais precisa ser agradecido e compartilhar com quem precisa" (resposta F6). Os outros pais doam ou revendem as roupas.

Esse hábito é motivado pelas mães, que vão vendendo as roupas que seus filhos vão deixando para trás. Mas quem poderia ser incentivado a tomar essa iniciativa poderiam ser as próprias crianças. Elas separam as peças, sugerem um preço, tiram fotos e assim a mãe pode postar nas redes sociais para fazer propaganda do "desapego" (adultos que possuem redes sociais).

E, se ocorrer a venda, o dinheiro será entregue ao filho para que ele decida o que comprar, ou até mesmo que haja um acordo antes para que o valor das roupas vendidas sejam revertidas em novas roupas. Logo, o adulto acompanhado pela criança, comprará novas roupas e pagará com aquele valor que seria de sua "mesada". Então, ela entenderia o valor das coisas, e não haveria nenhuma gratificação.

3.2 APRENDIZAGEM DA ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA NAS FAMÍLIA PESQUISADAS

Os pais são modelos para seus filhos e, cuidar da educação deles não é tarefa fácil. A educação financeira entra no quesito de ensinamentos que os

pais devem passar aos seus filhos, e sim será uma herança prudente a ser deixada. Não é fácil exigir dos pais que criem seus filhos com uma consciência financeira num mundo em que o consumismo está em tudo, pois seguindo os padrões sociais podem ser considerados bons pais. Muitas vezes dar o melhor, não é errado, todos nós queremos o melhor, porém é preciso ver se o melhor é algo que realmente é essencial, no momento e se será algo funcional, ao filho.

Educação financeira não é falar em dinheiro, e sim maneiras de educar os filhos em valores básico da vida, que vão além do dinheiro, como cuidar de si, cuidar daquilo que possui (quarto, cama, roupas, cadernos, etc.), pois quando a criança aprender a cuidar das coisas essenciais ela saberá dar valor aquilo e por consequência ela saberá cuidar do dinheiro. “Assim quando pensamos em educação financeira para a criança precisamos pensar também no desenvolvimento de valores, de ética e de incentivar escolhas responsáveis” PREGARDIER, 2015, s/p).

É no dia a dia que a educação financeira acontece, algumas famílias possuem uma organização financeira e desde cedo ensinam seus filhos, mas a porcentagem de famílias que não possuem essa consciência financeira ainda é grande. Por isso, trabalhar dentro das escolas essa temática é de suma importância, pois poderão ser as crianças a incentivar e aflorar na família essa cultura.

Desde que o homem existe, existe a educação, entendida como processo de transmissão aos mais jovens dos conhecimentos adquiridos em precedência, dos hábitos aos modelos comportamentais, à linguagem e aos conhecimentos técnicos especializados (PREGARDIER, 2016, p. 467, *apud* CAROTENUTO, 2013, p. 23).

Para Pregardier (2016), a formação para que a criança adquira bons hábitos é que contribui para a sua evolução, conduzindo-a a atitudes responsáveis. A educação é responsável pela formação de bons hábitos. O hábito de uma criança começa pela observação dos adultos, que se tornam modelos comportamentais. Educação financeira é observada no cotidiano, em pequenas coisas como guardar moedas em um cofrinho, por exemplo. Quando os pais foram perguntados se seus filhos possuem cofrinho em casa, as respostas foram todas positivas. F10 respondeu que o dinheiro desta economia é dado de presente. F3 respondeu que entrega aos filhos o troco do

supermercado e o dinheiro é gasto nas férias. F1 relatou que o dinheiro arrecadado no cofrinho é depositado em uma poupança. O hábito de economizar deve começar a ser adquirido desde muito cedo, não estamos falando em deixar de viver e só guardar dinheiro e sim em ter uma qualidade de vida ao se tornar adultos.

preciso deixar claro que a ideia não é encher uma caixa-forte de dinheiro, como o Tio Patinhas, mas poupar para fazer o dinheiro trabalhar pela sua felicidade, pelo bem-estar, e pela realização das suas metinhas, metas e metonas (ARCURI, 2018, p. 79).

Portanto, é preciso ter uma organização financeira para saber até onde podemos chegar. E, é isso que precisamos desenvolver nas crianças, fazer com que elas tenham metas futuras com atitudes no agora. Os genitores são peça chave para esse progresso. Com atitudes simples como orientar seu filho no supermercado a comparar preços, ter um controle de gastos ou até mesmo buscar renda extra são atitudes que se tornarão exemplos para as crianças. Dos pais pesquisados, somente duas famílias, F3 e F7, possuem renda extra, além do principal trabalho. Renda extra é sempre um dinheiro a mais que entra no orçamento das famílias, ou por ganharem muito pouco ou, para melhorarem a renda e, assim, desfrutarem de uma melhor qualidade de vida. Conseqüentemente, os filhos que fazem parte da família, devem estar comprometidos em contribuir positivamente com o equilíbrio entre entradas e saídas. “[...] Além disso, a experiência da gratificação obtida na infância no conhecer-se, no gerir um poder de crescimento pessoal, ajuda-a hoje, quase por uma lei de inércia no sentido positivo” (MENEGETTI, 2014, p. 72). Entendemos que quando a criança aprende a gerir a própria economia individual está gerindo um poder de crescimento pessoal.

Os pais pesquisados, que não pagam aos seus filhos algum valor para realizarem tarefas domésticas, lhes dão dinheiro com orientação. Procuram saber de seus filhos para que precisam do dinheiro e o valor que precisam e assim, os orientam para aprenderem a como gastar. A maioria dos pais afirmou que quando vai ao supermercado levar junto seus filhos e assim, solicitam sua ajuda para comparar preços, aproveitam a ocasião para orientar que não podem comprar tudo o que os filhos querem. Conforme Meneghetti (2014), a criança deve ser estimulada pelo adulto a prover sua pequena economia (para

comprar por exemplo, seu gibi), para que tenha a autonomia de buscar seu próprio ganho vendendo coisas.

Sobre a nota fiscal as crianças não são orientadas. Sobre a questão se fazem ou não, um controle de gastos, alguns pais falaram que sim e, outros, que não existe controle de gastos. Em ambos os casos todos, com exceção de uma família, relataram que os filhos não participam deste controle. Ao trazermos para esta pesquisa a rotina das pessoas, foi possível perceber que a maioria das famílias levam seus filhos ao supermercado, orientam, se preocupam com o que seus filhos gastam dinheiro, algumas buscam renda extra para uma melhor qualidade de vida. No entanto, quando indagados sobre o controle de gastos e despesas, algumas famílias manifestaram não realizar controle de gastos e nem a participação dos filhos nesse controle. F1, F2, F3, F4 e F6, confirmam que fazem controle de gastos, contudo, somente F1 tem a participação do filho para fazer esta verificação. “O controle de gastos é feito em uma planilha” (resposta F1).

Levar as crianças ao supermercado é fundamental, pois é algo que faz parte da rotina da vida de um adulto, começa por algo do cotidiano e, por isso, essa elementar educação financeira deve ser passada aos filhos. Muitos pais pesquisados² aderem a ideia de levar seus filhos ao supermercado, contudo, F4 e F10, relatam que não levam. Os que responderam de forma positiva, contam com a ajuda das crianças para observar preços e a diferença entre os produtos. F9 relata que às vezes deixa o filho comprar uma "bobagem", contudo, assim como os outros pais, aproveita a oportunidade para dar a orientação aos filhos que não é possível comprar tudo que desejam. Embora realizem com os filhos a comparação de preços entre os produtos, somente a família F8 relatou orientar sobre a nota fiscal: “Sempre peço a nota fiscal para comparar preços” (Resposta F8).

Sendo a criança desde a sua origem, como um gravador ligado que registra tudo com perfeita fidelidade (VIDOR, 1977), não será desprezível a diferença se, desde a infância, nos habituarmos desta ou daquela maneira. Ao contrário, terá imensa importância, ou seja, será decisiva (ARISTÓTELES, 2006) (PREGARDIER, 2016, p. 467).

² As respostas dos questionários pesquisados encontram-se no Apêndice 3, a partir da p. 54.

Não podemos nos iludir achando que a criança não compreende o que falamos, ela desde muito nova grava qualquer informação de maneira concreta. Portanto, indicar a realidade das ações é fundamental, ela necessita do concreto para entender o mundo ao seu redor. Para Meneghetti (2014), a criança ama o real, por isso, necessita sentir-se parte dele. A criança leva um tempo para fazer a conexão entre as suas necessidades e as exigências do social, porém não gosta de ficção, irá compreender se o adulto está ou não sendo verdadeiro e se este, é leal ao mediar o real e o auxiliar a conhecer a si mesma. Conforme Meneghetti (2014) a criança ama o real, e, nos primeiros anos de vida, colhe a realidade com impacto psicoorgânico. A medida em que cresce

[...] o Eu começa a metabolizar-se segundo a força do social realizado e precisa de pelo menos quatro, cinco, seis (às vezes dez anos) para conseguir ambientar-se com segurança de movimento, de reflexão, de comportamento, sobre essa nova força. Para a criança foi fácil conhecer primeiro a si mesma, depois o grupo familiar e os amigos, porque foi suficiente o impacto psicoorgânico com a afetividade do contexto (MENEGETTI, 2014, p. 72).

A criança necessita do concretismo, ela é econômica-hierárquica, por isso, se faz necessária a educação financeira em sua vida, também para que ela não entre no contexto social com uma forma de pensar e agir que seja atraída ao consumismo, perdendo assim, sua verdadeira função como sujeito, que é a evolução existencial e de contribuição com o contexto social. O Em Si ôntico, dentre as suas quinze características é econômico-hierárquico, significa que:

Intenciona com exata proporção qualquer impacto e interação, assimilando o devir segundo a prioridade das próprias exigências (a vida, a identidade, a subsistência, os meios mais gerais, depois os mais específicos, etc.). Entre as diversas posições, exerce uma escolha em direção ao ótimo do momento. Econômico não significa apenas que não pode permanecer em uma forma estática, mas o quântico energético deve também ser imediatamente reinvestido em novidade de ser, que consente o progresso, o crescimento do sujeito (MENEGETTI, 2012, p. 89).

A criança necessita à sua volta de sujeitos realizados que lhe mostrem crescimento e progresso nas ações da vida, a evolução deve fazer parte da vida das crianças. Os adultos precisam mostrar o quão linda e grande é a vida

e a importância de construção da identidade conforme o seu projeto de natureza ou Em Si ôntico (princípio vital que constitui o ser humano, sem o qual ele não existe e a partir do qual, tudo é possível) (MENEGETTI, 2014). Assim, não são só seus genitores os responsáveis pelo seu sustento. Ele já deve começar desde muito novo a compreender que é um ser único no mundo e que precisa se sujeitar ao crescimento ordenado de si e de como a sociedade funciona, mesmo que, a sociedade nem sempre esteja de acordo com a ética da vida.

O impulso ao social deriva-lhe de dois instintos: um inato, o outro de aquisição por hábito ambiental. O instinto inato deriva-lhe do fato que cada um tende em sentido absoluto a uma afirmação egóica; a criança, uma vez esgotado o campo que tinha na família e nos pequenos grupos, encontrando este “grande mar” da sociedade, é inevitável que queira possuí-lo metabolizá-lo como força egóica (MENEGETTI, 2014, p. 72).

É por isso que, a educação financeira é importante, ela vai auxiliar a criança a lidar com o concretismo de como a sociedade está organizada, pois nela, economia é fundamental. E, se para educar a criança à realização em âmbito existencial no contexto social, essa dimensão deve ser considerada. Neste contexto, segundo Meneghetti (2014), a atração da criança ao magnetismo social,

[...] é um estímulo de campo semântico que age sobre o organísmico. É uma ambição natural do grupo em que a criança cresce. Cada adulto, de diversas formas, quer o máximo; mesmo no adulto frustrado, no qual ocorre uma forte remoção, o complexo age como estímulo de ambição. Tudo isso bombardeia, estimula, insere-se como estímulo a mais, em direção a algo além na criança (MENEGETTI, 2014, p. 72 -73).

Portanto, querendo o adulto ou não, a força de atração da criança ao contexto social é uma realidade que não pode ser negada na sua educação. E, a organização financeira da família e capacidade desta auxiliar o filho a saber como fazer essa gestão de modo eficaz vai ser determinante. Por isso, investigamos como as famílias praticam a gestão financeira.

A maioria das pessoas costumam anotar seus gastos ou suas despesas a serem pagas, podem ser em planilhas como o caso da F1 ou também no caso da família F3, “O controle de gastos é anotado em um caderno tudo que

temos que pagar, mas os filhos não participam” (resposta F3). Instigar as crianças a querer saber sobre essa temática e mostrar a elas como se organizam é necessário, pois é dos exemplos dos adultos que se formam nas crianças a responsabilidade.

Felizmente, nossos filhos não estão condenados a ser uma cópia triste dos nossos erros ou desacertos. Contudo, é preciso ter coragem para admitir que a maneira como traduzimos o mundo - nossas atitudes e noção de valores - fica marcada em nossos filhos de modo que os anos não podem eliminar (D'AQUINO, 2014, p. 31).

Parece uma reflexão forte para falarmos sobre educação financeira, no entanto ao escolhermos ter filhos, além de mantenedores somos espelho para eles. Claramente isso não quer dizer que serão cópias de nossas atitudes, mas é um risco que se corre. Voltando ao relato trazido no início deste trabalho no qual nossa mãe arcava com despesas feitas pelo avô, ela poderia seguir o exemplo de seu pai, contudo, ela é quem se responsabilizava por pagar as contas. Nisso, tornou-se diferente, e, em nosso caso, seguimos a maioria de seus traços no que diz respeito à organização financeira.

Não quer dizer que os pais que relataram no questionário não terem controle de gastos, que seus filhos um dia não terão também, do mesmo modo, os filhos dos pais que anotam todas as despesas talvez, não seguirão o mesmo exemplo. Tudo isso decorre da maneira que os genitores demonstram importância naquilo que estão fazendo. Crianças gostam de brincar daquilo que os adultos fazem.

A criança aprende a brincadeira como o puro fazer do homem, insere-se sem mediações, com a única sensação de curiosidade; objetifica-se para sentir-se e encontrar-se diferente, para estar junto, para tornar-se com aquele contexto, não para dominar ou para coagir determinados elementos com uma finalidade de vantagem. Ela não se sente diferente das coisas que contata e dos múltiplos modos de interação com elas e com os aspectos do mundo: é drasticamente séria (MENEGETTI, 2014, p. 53).

Para exemplificar e trazer uma reflexão sobre mostrar a realidade para as crianças, podemos trazer os jogos que hoje fazem parte da rotina delas, mas por que os jogam são tão atrativos? Será que os jogos que são mais atrativos para as crianças não são aqueles que de certo modo estão mostrando a verdadeira ação do adulto, que luta, que briga ou até mesmo que mata?

Aquilo que a criança joga, não é o que o adulto faz? Portanto, é isso que é atrativo para elas, fazem aquilo que o adulto faz. Então, quando os pais pensam que “dinheiro é assunto de adulto”, seguindo esta compreensão, eles podem sim falar para a criança, e não ter dúvida de que se tornará um assunto do interesse dela.

A maior parte das pessoas, estão agindo por um senso comum onde a vida é restrita em: nascer, estudar, trabalhar, ter filhos e se aposentar. As pessoas antes de se preocupar em economizar, se preocupam em trabalhar para se aposentar sem um verdadeiro motivo, alguns falam em independência financeira sem saber o que verdadeiramente ela quer dizer. “Independência financeira não é ter dinheiro para comprar tudo o que você quiser. Não é sair da casa dos pais. Não é ganhar o suficiente para pagar todas as contas e ainda sobrar alguma grana. Independência financeira é ser sustentado pelo seu dinheiro” (ARCURI, 2018, p. 150). Portanto, independência financeira significa poder parar de trabalhar sem que lhe falte dinheiro para viver em um mesmo padrão de vida que se estivesse trabalhando, é ter liberdade de escolha. Ser aposentado não lhe faz independente financeiramente.

Muitos pais desejam que seus filhos estudem para ter um futuro melhor, esse é um dos motivos que levam alguns pais terem uma conta poupança para os filhos ou até previdência privada no caso das famílias F1, F7, F8 e F9. É um bom caminho ter já um destino certo para o dinheiro, pois tendo um objetivo, não faz as pessoas gastarem o valor que já tem um destino certo é como se fossem pagar boleto pra si mesmo. Se os pais querem que seus filhos tenham uma vida nada assistencialista no futuro, devem começar já na primeira infância.

3.3 O CONSUMISMO FUNCIONAL E O SUPÉRFLUO

Para além do quanto já foi tratado, ainda sentimos a necessidade de continuar a compreensão do por que desenvolver a cultura financeira em crianças. Muito simples, a criança, por ser nova, está aberta à sociedade, ela também ainda não viveu o que um adulto viveu, assim fica mais fácil de educá-la. O adulto já está muito estimulado pela sociedade que diz o que é certo ou errado. Ele já entrou na cultura de que precisa ter o melhor carro, melhores

roupas, maquiagens da moda e principalmente, já faz parte dos financiadores da sociedade, que resolvem qualquer problema indo até uma agência bancária. Ao ter filhos, o consumismo vai fazer parte da rotina da vida da família e a tendência é entrar em sua lógica, na educação financeira dos filhos:

O tempo passa, a vida segue e um dia, quando você menos espera, por volta dos dois anos e meio sua cria diz "compra isso"? Se a vida tivesse um bom diretor de cena, nesta hora soariam trombetas. Porque com essa frase, com esse pedido de qualquer coisa, seu filhote acaba de estrear no fabuloso mundo do consumo, sem que você tenha se dado conta, até chegar aqui seu herdeiro se dedicou um bocado de tempo observando o modo como você consome. E até basicamente a esse ponto compreendeu que: 1. existe dinheiro; 2. você tem esse tal de dinheiro; 3. que o dinheiro serve para comprar coisas, coloridas, divertidas e gostosas. Se dentro do seu peito bate um coração, você, estalando de orgulho, sem hesitar um segundo, compra o que foi demandado (D'AQUINO, 2014, p. 23).

A lógica consumista na educação financeira dos filhos perpassa também pelo estereótipo de pensar que se os pais não dão para as crianças de tudo, não são bons pais, e se dão de tudo, são considerados bons.

Precisamos mostrar para as crianças que, além de pagar as contas em dia, elas precisam pagar o boleto para si. Criança pagando boleto? Com que dinheiro? Com o dinheiro da mesada, ou com aquele dinheiro que a criança ganha da avó por exemplo. Assim ela irá pegar esse dinheiro e irá dividir com o que ela quer comprar e o que ela irá guardar. Energia elétrica e água, são itens fundamentais na vida de qualquer sujeito, praticamente tudo que fizemos envolve umas delas, se tornou tão necessário, quanto respirar. "Acredito, que um pouco desperdiçamos, mesmo com os cuidados que temos" (resposta F9). Ao darem a opinião sobre o desperdício destes itens básicos de uma casa, muitos pais responderam que não desperdiça nem água, nem luz. F9, acredita que mesmo com todo cuidado, existe um desperdício. Esses dois itens de consumo juntos, quando não controlados, podem fazer as despesas darem um salto e, o dinheiro da maioria das famílias precisa ser reservados em uma boa porcentagem somente para arcar com esses valores, eles tornam o custo de vida das pessoas mais alto.

Quando o assunto é custo de vida, outro tópico que precisa ser trazido são as despesas com o supermercado, difícil toda vez que chegamos até alguma prateleira, e não exclamar "que caro!", essa frase já virou rotina em

nossas vidas. Contudo, se os produtos subiram no supermercado, precisamos prestar atenção em uma coisa que sempre esteve em todos os produtos que compramos durante toda nossa vida, mas nunca demos atenção “as letrinhas pequenas, dos rótulos”. É verdade, que elas sempre estiveram lá e somos nós consumidores que não estamos nem aí para elas. Porém as informações que aquelas pequenas letras trazem, que salvam nossa vida como usuários destes itens tão “queridinhos” em nossa casa.

Os rótulos são a descrição de como devemos usar o produto, tipo uma manual de instruções. Ele traz detalhes técnicos como: quantidade, qualidade, precauções, tempo de duração, entre outras várias informações que o fabricante deve fazer para o consumidor sobre aquele produto. Mas, o que tem a ver ler rótulos com educação financeira? Tudo, pois se o rótulo traz a maneira de uso dos produtos e não seguir, estaremos perdendo dinheiro, pois não usamos da maneira certa, logo este produto não irá durar e gastaremos mais para comprar outro novamente.

Para analisar se os rótulos são verdadeiros, fizemos um teste para ver se o amaciante concentrado que dizia durar 22 lavagens era verdade. Então, toda vez que lavamos roupas marcamos um risquinho em um papel, quando o amaciante terminou contamos para ver se os números de lavagens fechou com a informação que constava no rótulo, positivo, item aprovado!

Quando questionados se leem ou seguem as informações dos rótulos dos produtos de limpeza, a maioria dos pais responderam que não. F6 respondeu que lê todos os itens.

Dizer não é essencial também para o desenvolvimento do pequeno indivíduo, não queremos trazer com esse trabalho, a ideia dos pais darem tudo aos seus filhos, muito pelo contrário, nada de assistencialismo, o objetivo aqui é mostrar, que mesmo sendo crianças é possível desenvolver a autonomia nos filhos para que eles mesmos cheguem ao seu dinheiro e, valorizem aquilo que conhecem e sabem o quanto de esforço precisou.

de acordo com Meneghetti (2010, p. 161) autonomia “significa fazer lei segundo a própria identidade específica”. Se verificada no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, indica capacidade de se autogovernar. A partir da compreensão do filósofo Immanuel Kant (1724-1804), é a capacidade apresentada pela vontade humana de se autodeterminar segundo uma legislação moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma

influência subjugante. E autônomo significa indivíduo dotado de faculdade de determinar as próprias normas de condutas, sem imposição de outrem. A pessoa que escolhe operar de forma autônoma, pode estar escolhendo agir a própria inteligência (Saber Humano Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, 2017, p. 101 - Eloy Demarchi Teixeira) (VARGAS, 2018, p. 05).

É preciso estimular a criança a autogovernar as suas vontades, pois assim, ela poderá desenvolver suas verdadeiras capacidades e inteligência, sem que o meio social lhe influencie, por mais que às vezes a criança não saiba muito bem o que irá acontecer.

Na nossa infância e adolescência, nos foi dada autonomia, por isso, sabíamos o caminho que precisávamos seguir e quanto era custoso chegar onde se desejava. E, é assim ainda hoje na vida adulta, portanto, educação financeira é um caminho a ser percorrido que não tem fim.

A família é o primeiro exemplo a ser seguido pela criança, mas no período da infância, o profissional da educação também passa a ser referência, uma autoridade. A escola possui um papel fundamental no desenvolvimento da consciência financeira nas crianças, trabalhando diretamente com as coisas do cotidiano de seus alunos, junto com as famílias. “A hierarquia dos valores é sempre copiada do adulto” (MENEGETTI, 2014, p. 54). Por isso, é preciso que o professor também trabalhe com a criança valores fundamentais para a vida, além dos conteúdos programáticos da escola. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente,

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL/ECA, 2016, p. 13).

Nesse artigo de lei, podemos perceber que a educação deve atender o pleno desenvolvimento de seus educandos, tornando-os bons cidadãos, missão está dada a escola como Estado e a família como primeiro vínculo da criança. Portanto, cabe às famílias passar valores aos seus filhos, que posteriormente estarão em contato com a escola que seguirá com todos os ensinamentos necessários e a estimulação dos valores trazidos de casa. Não podemos julgar como são passados esses valores pelas famílias e analisar o que está sendo ensinado, buscando assim melhorar o que é trazido de casa.

Precisamos levar em conta que existem diferentes ensinamentos nas famílias. A autora, jornalista e criadora do maior canal de finanças o "Me Poupe Nathalia Arcuri", traz em seu livro, que a maior parte de seus ensinamentos sobre finanças aprendeu de casa, como economizar luz, água, comprar roupas somente duas vezes ao ano. Ao mesmo tempo que ensinavam a economizar, não lhe ensinavam coisas que fossem evoluir e seria útil em seu futuro, como uma conta poupança, por exemplo, pois ela tinha o sonho de ter um carro quando completasse seus dezoito anos e tinha apenas oito anos.

Se meu pai não tivesse aberto a poupança, eu mesmo teria que fazer alguma coisa para comprar meu carro quando completasse 18 anos. Mais de duas décadas depois, descobriria que naquele momento eu havia começado a desenvolver uma das habilidades mais importantes para quem pretende enriquecer: a autodisciplina (ARCURI, 2018. p. 32).

Assim, como Nathalia, existem milhões de crianças e jovens, que ouvem a frase “precisamos economizar”, mas nem sabem do que se trata. A dúvida que fica nas crianças, é de como economizar algo que não vejo? Sabemos que as crianças precisam do concreto para evoluírem. E é esse concreto que muitas vezes é rompido pela família quando é falado “isso não é assunto de criança”, mas é assunto de criança, pois faz parte da realidade de todo sujeito, e se não for ensinado desde a infância quando for adulto não saberá como agir. Não é somente sobre dinheiro que a educação financeira trata e sim, sobre formas funcionais de lidar com as coisas que conseqüentemente envolvem o dinheiro.

Se toda vez que a mãe for ao mercado e não levar seu filho porque ele irá pedir alguma coisa, ou até mesmo fará um escândalo, ela estará atrasando o seu processo de amadurecimento como ser social. O ser social, se coloca na condição de consumir em locais como supermercados, por exemplo. Esta ação é útil e funcional para o sujeito, pensando nas aprendizagens que pode construir para ter uma relação de consumo consciente sobre suas necessidades e gastos.

A ocasião de explicar para o filho que, “agora vamos ao mercado e precisamos comprar estes itens e só podemos gastar X” muitas vezes é deixada de lado, pois é considerada como muito trabalhosa, ou seja é mais fácil deixar a criança em casa. No entanto, assim deixaremos de ensinar para

ela algo básico para sua vida, mas afinal o que o supermercado pode lhe ensinar? O supermercado parece ser o local onde nada se aprende só se gasta, porém não é bem assim. Ao orientar uma criança a ir ao mercado, estaremos trabalhando regras com ela: o que vou comprar e quanto vou gastar. Ao pedir ajuda para fazer as compras os pais irão mostrar para ela inconscientemente, itens que são necessários para a casa, assim a criança terá consciência quando adulta do que ela precisará comprar quando não estiver mais na casa dos pais. O dinheiro também fará parte disso, pois ela verá quantas notas de dinheiro seus pais irão dar ao caixa ou simplesmente irão ver o número grande que estará aparecendo no computador. Isso irá despertar curiosidade na criança, logo será dessa curiosidade que os pais deverão explicar como funciona. O supermercado é só um dos vários exemplos de onde o dinheiro é necessário na vida de um adulto, por isso, a importância de uma boa orientação para as crianças, assim saberão na vida adulta o comportamento com o dinheiro.

Ser capaz de distinguir o que compramos porque queremos daquilo que consumismo porque precisamos é fundamental em qualquer idade. Sem essa perspectiva posta de maneira bem clara, tudo o mais será sempre confuso na vida financeira. Gastar em coisas que queremos é ótimo, divertido e importante. No entanto, parte de nossas responsabilidades como pais é ensinar que as necessidades devem ser atendidas em primeiro lugar (D'AQUINO, 2014, p. 25).

O comportamento dos pais dirá muito a criança como as coisas na vida adulta acontecem. Portanto, além de falar sobre dinheiro os pais necessitam demonstrar a intenção e o sentido sobre as coisas, pois, a criança irá ler o adulto e pegará isso como exemplo certo para seguir. Ele não precisará discutir teorias financeiras com os filhos, o exemplo de suas falas sendo colocadas em prática será o melhor espelho. Apresentar ao filho o que é caro ou barato, não é errado, dependendo da faixa etária será cedo fazer essa comparação, mas a partir dos seis anos eles já poderão compreender e avaliar preços conforme D'Aquino,

Um pouco mais tarde, por volta dos seis anos, é hora de convocar o herdeiro a descobrir a variação de preços de loja para loja. Não importa quanto dinheiro você tenha, nem quão pouco custe o objeto em questão, o foco aqui é a educação da cria. Mais tarde, no início da

adolescência à cotação pura e simples deve somar-se (D'AQUINO, 2014, p. 27).

O ensino financeiro não quer dizer que a criança precise somente economizar, e sim buscar despertar nela aquilo que realmente é para si, saindo do meme da sociedade. O consumismo está estampado em todos os lugares para poder buscar cada vez mais pessoas que comprem os produtos. Isso faz com que as crianças, pela sua ingenuidade, queiram aquilo por que a amiguinha tem, sendo que não se considera que nem gosta daquilo. O adulto não sabe dizer não e, se não se tem o não em casa torna-se objeto do mercado. Conforme o autor,

Há aproximadamente 20 anos se fala sobre essa sociedade consumística, que apresenta o comportamento de seus indivíduos especialmente os mais civilizados como exclusivo açambarcamento, uso e consumo objetual de "bens" sem função. Bens não finalizados à nutrição, portanto ao crescimento, mas usados e consumados enquanto fins a si mesmos (MENEGETTI, 2013, p. 67).

O crescimento do consumismo vem sendo maior a cada ano que passa, as mídias trabalham ferozmente no intuito de levar o sujeito a comprar cegamente. Os pais acabam sendo a peça chave ao consumismo, pois sentem a necessidade de dar tudo aquilo que os filhos pedem, D' Aquino relata o consumismo, como uma forma dos pais se sentirem amados pelos filhos.

Compramos o que eles pedem - e até o que eles não pedem- sempre na expectativa de receber o abraço agradecido. Entretanto, o tempo passa e pedir vira rotina; ganhar também, e os efeitos viçosos da nossa generosidade perdem efeito. Nem abraço, nem obrigado, nem nada. Quando muito, e de vez em quando, um muxoxo (D'AQUINO, 2014, p. 33).

Muito do que é dado aos filhos é sem necessidade deles e sim a necessidade dos pais de se sentirem super pais, pensando que se não derem aos seus filhos o que pedirem, perderão o amor deles. Contudo, isso não necessariamente é uma verdade, pois, o pedido dos filhos pode refletir um querer dos pais, que compram uma, duas, várias vezes por piedade de seus filhos. Neste contexto, também pode ocorrer que, pela rotina diária acontece o afastamento das relações entre os filhos e os pais, virando um motivo de gratificação gratuita, sendo aí que ocorre o erro. Os presentes jamais podem ser símbolos de carinho, afeto, e de substituição de presença dos genitores,

pois a moeda passa a ser a chantagem emocional, o que, de algum modo, se torna uma compensação. Essa forma de compensar também é a mesma que está na base de comportamentos compulsivos de compras desnecessárias.

O consumismo juvenil afunda as próprias raízes no período da infância. Consideremos, por exemplo, os jogos das crianças. No jogo, a criança é pilotada, no sentido de que é preciso ver se o seu modo de jogar é revelação de uma atitude técnica ou empresarial, em qual caso aquele modo de jogar é funcional para ela. Se, por exemplo, quebra o brinquedo e depois o reconstrói, tudo bem; ao contrário não (MENEGETTI, 2013, p. 65).

O modo como a criança consome na infância, irá refletir na sua vida adulta. Os gastos nem sempre significam consumismo, pois, se aquele consumo será funcional para ela, tudo bem, caso não seja, então ele se torna supérfluo, caracterizando-se em um comportamento consumista. Ao falarmos em consumismo não tem como deixar de lado questões sobre gastos supérfluos. Questionamos as famílias sobre estes gastos que aparentemente seriam supérfluos. Algumas famílias relataram não terem gastos supérfluos. Segundo a F6 “Na vida não existe nada supérfluo ... tudo o que se compra para satisfação própria é válido. Supérfluo é passar a vida guardando dinheiro e não viver!” (Resposta F6).

O pensar de cada um sobre o dinheiro é livre. Ter um bom emprego e receber um salário bom permite ao sujeito viver de uma forma tranquila. Falar de supérfluo é algo complicado porque aquilo que para uma pessoa não é importante, e a faz pensar que é dinheiro jogado fora, para outras pessoas faz parte de sua rotina fazendo-lhe feliz. Supérfluo significa ultrapassar a necessidade ou a necessidade de ter mais do que aquilo que o indivíduo precisa. “Enquanto para uns a ‘maneira certa’ de usar o dinheiro poderá significar o gozo incessante dos prazeres da boa vida, para outros parecerá que o ‘correto’ é o trato parcimonioso das finanças do casal” (D’AQUINO, 2014, p. 96).

Além disso, quando existe a compreensão que no aspecto financeiro, tudo seria essencial para viver e não existe supérfluo, percebemos a ausência dos critérios para definir o que serve e o que não serve para a vida. Conforme Meneghetti (2012), um dos critérios da vida, do Em Si ôntico, é ser econômico-hierárquico. O que significa que em todas as situações existenciais na relação

entre o sujeito, o objeto e a situação, se estabelece uma hierarquia de valores. Pois, a hierarquia de valores para o Em Si ôntico são, "a vida, a identidade, a subsistência, os meios mais gerais e depois os mais específicos" (MENEGETTI, 2012, p. 89). Ou seja, a hierarquia de valores é dada pelo critério da vida, utilitarismo funcional à própria identidade. "A moral do utilitarismo funcional implica que uma coisa é boa, inerente a uma individuação, se a identifica e a exalta em sua função específica" (MENEGETTI, 2012, p. 88). Saber aprender o critério de selecionar o que é supérfluo e que é essencial para pessoa é fundamental, por isso, é preciso aprender a distinguir a moral da vida e a moral social:

A sociedade é dura e implacável. Deus perdoa, mas a sociedade não quando uma criança confia em nós, devemos sempre saber que ele estará dentro de uma sociedade complexa. Mais que a vida é a sociedade o grande problema para resolver. Por isso, ajudemos com amor a criança a saber ser autônoma economicamente, autônoma psicologicamente e socialmente funcional (MENEGETTI, 2014, p. 211).

A criança, por meio da educação financeira, pode ser auxiliada a resolver-se dentro da sociedade complexa que possui como valor intrínseco o aspecto concreto da economia. Ela deverá compreender que, o que é considerado normal ou moralmente correto na vida de umas pessoas, em outras não é. No contexto social, por meio do aspecto econômico, vai perceber o relativismo de tantos valores, por exemplo, o que pode ser uma despesa muito alta e afetar a situação financeira de uma família, em outra pode ser irrelevante.

Dentre os pesquisados, a família F3 diz ter gastos supérfluos ao que se refere a refeições fora de casa "São muitas refeições fora de casa" (Resposta F3). Alimentação vem sendo uma das despesas que teve um aumento no orçamento de muitas famílias. A rotina de fazer refeições fora de casa está cada vez mais se tornando um hábito frequente. Talvez por uma rotina corrida, ou pelo conforto que se tem ao não precisar cozinhar. É preciso analisar, o quanto esta ação impacta no orçamento quando as contas não estão fechando. Se esse consumo acaba sendo necessário por uma questão de tempo, ela de certo modo deixa de ser supérflua. Contudo, é preciso analisar se a falta de tempo está aumentando a receita, podendo ser o caso do F3, que possui um

Brechó além de seus outros trabalhos fixos. Por isso, acaba sendo rotineiro a alimentação fora de casa “Em vez de cortar as despesas, meu Pai Rico recomendava aumentar as receitas. Ele achava que era mais inteligente expandir as receitas do que cortar gastos” (KIYOSAKI, 2008, p. 70).

Mesmo aumentando seu orçamento, F3 relata, quando questionado se existem gastos supérfluos em sua casa: “Muitas refeições fora de casa, de quatro a cinco vezes na semana” (Resposta F3). Essa consideração do F3, pode ter dois motivos. Primeiro, as refeições fora de casa estão realmente aumentando as despesas da casa; segundo, talvez, ele ainda não tenha percebido que as refeições fora de casa estão sendo necessárias, pelo motivo de ter aumentado a carga horária por terem um trabalho extra. Podendo também ser o caso da F6, que faz refeições fora de casa duas a três vezes na semana, também a F9, diz ser três vezes na semana. F2, F4, F5, F7 e F8 costumam fazer refeições fora de casa somente aos finais de semana. O estereótipo de sair aos finais de semana é muito comum em várias famílias. “Estereótipo significa um comportamento geral que vale sobre todo sujeito, portanto, um hábito que investe todo o comportamento do indivíduo, dando a tipologia, o modo, em um certo sentido criando também, a personalidade do sujeito” (MENEGETTI, 2017, p. 49). Estereótipos são hábitos que podem ser considerados essenciais para a família. Talvez, seja apenas um estereótipo social “almoçar fora no domingo” e, não aquilo que realmente seja a verdadeira necessidade de cada um e do grupo familiar. Apesar das famílias disporem de orçamento para realizar esta prática, não significa que no contexto de crescimento qualitativo dos indivíduos e dos membros da família isso seja importante.

É preciso analisar qual o verdadeiro sentido e o critério para as ações dos sujeitos. Por exemplo, se um pai comprar muitas borrachas de apagar de cores, tamanhos, formatos e odores diferentes etc., sem que tenha utilidade para o filho. Esse comportamento do pai, vai fomentando a percepção no filho, que ele precisa de todos os tipos de borrachas diferentes. Entretanto, ele não consegue discernir o que verdadeiramente importa e o que não é fundamental. Logo, “todas as borrachas 'servem' e, ela tem que 'ter todas'”. Percebemos que, muitas práticas cotidianas nossas, dos adultos, estão permeadas de estereótipos em relação à própria economia pessoal. Simplesmente

executamos comportamentos sem verificar se de fato são essenciais para a própria vida e, se há um critério real de valor para o seu desenvolvimento.

Temos o hábito de manter comportamentos padrões com os da sociedade, o consumismo não fica longe disso. O tema tão discutido dentro da educação financeira, busca orientar e buscar a conscientização da população sobre os comportamentos iguais. Essa preocupação vem pelo medo da herança que está sendo deixada à nova geração, às crianças e aos jovens, que estão tão expostas a esta situação. “O significado de uma sociedade consumística é aquele de uma civilização no qual os sujeitos se dedicam aos objetos de uso comum, mantendo-se instrumentalizados por estes últimos” (MENEGETTI, 2013, p. 68). E, ao propiciar a educação financeira às crianças nas famílias e na escola, podemos evitar que se tornem instrumentos ou escravas da sociedade do consumo.

Ter o que a maioria das pessoas possuem é desejo de muitos, contudo, aquilo nem sempre é algo realmente funcional, ou que a pessoa queira, mas o fato de outra pessoa ter, já é o suficiente para surgir o desejo. Também, é muito comum escutar nos círculos de conversas, a seguinte frase “como fulano tem dinheiro pra isso?”. Pois bem, a resposta é simples, talvez “fulano” deixou de fazer algo que a maioria das pessoas não deixariam, ou economizou, ou não gastou a toa, ou ainda, aumentou suas horas de trabalho, muitos podem ser os motivos. Essa atitude muitas vezes está sendo vista pelos nossos filhos que ao escutarem essa frase, passam a pensar que ter as coisas, é errado. “Colaborar para que os filhos cresçam tão conscientes quanto possível das escolhas que fazem, aptos a ponderar sobre elas, de modo a prever e arcar com suas consequências, é uma das tarefas mais importantes e delicadas a serem desempenhadas pelos pais.” (D’AQUINO, 2014, p. 97). Esse autor nos remete às situações cotidianas que observamos quando os adultos (pais e professores) falam na presença das crianças sem ponderar as consequências dos atos que estão sendo tratados, de forma que, pode levar às crianças a compreensão de que suas ações são incongruentes ao que está manifestando naquele seu discurso.

Mostrar para os filhos que eles podem ter as coisas, mas que isso irá exigir um esforço de apego e desapego é fundamental. É preciso conscientizar as crianças que podemos ter o que queremos, se o nosso dinheiro irá

abarcam, ou que se economizarmos seja um dinheiro que já temos ou um valor queremos, assim conseguiremos realizar muitas coisas.

Não gastar aquelas moedas, não colocar comida fora, cuidar das roupas são comportamentos de uma pessoa que tem metas. O acadêmico, professor Antonio Meneghetti (2012), traz que comportamento é a maneira como me porto, “Como alguém leva a si mesmo. O conjunto de expressões, reações e atitudes por meio das quais um indivíduo especifica a si mesmo entre os outros” (MENEGETTI, 2012, p. 56). Cada sujeito possui sua maneira de se portar perante as ações do cotidiano. No caso do consumismo não é diferente, cada um vai tomando ações da maneira que acredita ser melhor para si. As famílias indagadas no questionário, manifestaram de diferentes maneiras sobre suas formas de consumir refeições fora de casa, entre as famílias F3, F6 e F9, a frequência ficou de duas a cinco vezes na semana, lembrando que não devemos julgar, pois cada família apresenta suas demandas diárias e irão ter comportamentos de acordo com suas necessidades. Educação financeira, não é só sobre o dinheiro, mas sim o comportamento que adotamos em relação a tudo. E, esse comportamento as crianças também irão aprender desde a mais tenra infância.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada possui uma temática que é de suma importância para toda a sociedade, a educação financeira. Este assunto integra a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), diretrizes a serem trabalhadas de forma transversal no currículo das escolas, em todas as fases da educação básica. Por isso, necessita estar presente no trabalho pedagógico nas escolas de forma a atender os princípios expressos na legislação educacional do pleno desenvolvimento do sujeito, bem como a autonomia para tomada de decisões favoráveis à sua vida.

Compreender como as famílias fazem a educação financeira para os filhos é fundamental, porque são estas práticas que formam os hábitos e determinam a relação que posteriormente a criança, quando adulto, vai ter nos confrontos em sua vida pessoal e social. Pois, conforme Meneghetti (2015), um dos grandes ausentes na educação da criança é o aprendizado da sociedade e de si mesma. E, como lidar com o dinheiro faz parte de saber se posicionar no contexto social e de vida concreta nas relações com os outros.

Para descobrir como as famílias fazem educação financeira aos filhos, enviamos para cada família um questionário com questões que abordassem os objetivos específicos: mesada, gratificação de algum valor por fazer atividade da rotina da casa, como está se dando o controle das despesas familiares, a existência de renda extra e se os filhos participam, a presença dos filhos na ida ao supermercado e orientação durante as compras e assuntos sobre o consumismo. Estas respostas nos auxiliaram a desvelar o objetivo geral da pesquisa que foi compreender o comportamento dos pais sobre o tema educação financeira de seus filhos, os ensinamentos e atitudes que envolvem toda uma organização financeira.

A educação financeira não se refere somente ao dinheiro, mas envolve todos os comportamentos de seu uso. Com isso, buscamos fazer uma análise das famílias nas ações que envolvem dinheiro. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com 11 famílias dos alunos da turma que realizamos o estágio dos anos iniciais do ensino fundamental. Na pesquisa, elaboramos um questionário próprio e enviamos para serem respondidos, e a partir das

informações, analisamos os dados com o intuito de compreender como as famílias pesquisadas estão praticando a educação financeira de seus filhos.

Como primeiro objetivo específico deste estudo, procuramos entender como os pais orientam financeiramente seus filhos, pagando ou não para eles auxiliarem nas tarefas domésticas, bem como se recebem algum valor referente a mesada, foram questões abordadas com as onze famílias que se dispuseram a responder os questionários. Por meio das informações reveladas pelos pais percebemos que a maioria deles não paga a mesada para os filhos não os gratificam para realizarem as tarefas domésticas. Além de não gratificar seus filhos, raras vezes, permitem o contato com o dinheiro, diferenciando dos fundamentos trazidos pelos autores estudados os quais indicam, desde muito cedo, que a criança deve ser oportunizada à experiências e situações concretas do mundo real, inclusive no que diz respeito às finanças. Dar dinheiro para os filhos ou pagar a eles mesada, não é considerado um erro, porém esse pagamento não poderá ser uma gratificação à criança por ter cumprido aquilo que, de certo modo, são suas responsabilidades. Os autores orientam que a partir dos três anos de idade podem receber um valor pequeno de dinheiro. Nesta fase é importante a presença de um cofrinho para guardar as moedas ou cédulas arrecadadas. Isso facilitará pois a criança verá seu dinheiro crescer e com este pequeno gesto os pais estarão introduzindo a educação financeira na rotina de seus filhos, a aprendizagem do dinheiro faz parte de um contexto de realidade para a criança.

Nosso segundo objetivo foi estudar como ocorre a gestão financeira das famílias, pois os adultos são referências para as crianças. Mostrar a realidade para os filhos é a melhor herança que os pais poderão deixar. Levar a criança ao supermercado, orientá-la sobre os preços, levá-la para pagar uma conta, são ações que envolvem o cotidiano de um sujeito. Esta educação já deve começar desde cedo, para tornar as crianças autônomas. Muitos pais questionados falaram que os filhos não participam do controle financeiro da família, contudo, as crianças só irão adquirir bons hábitos financeiros, quando estimuladas a isso. Assim, a criança poderá conquistar muitas coisas, em pequenas atitudes como: não desperdiçar água, luz, comida, cuidar de suas roupas, ler os rótulos dos produtos para usá-los de maneira correta, são hábitos que farão os filhos enxergarem a verdadeira educação financeira. O

nosso projeto de natureza não é falido, ele é econômico e hierárquico, mas para isso, é necessário agirmos com atitudes vencedoras e autônomas, inclusive com o dinheiro e ações com demandam dele.

A independência financeira, é muito falada em nosso cotidiano, sendo vista como, ter um bom emprego, sair da casa dos pais e conseguir se sustentar sozinho, no entanto, esse pensamento está errado. Ter a liberdade de escolher em querer trabalhar ou não, pois o dinheiro está trabalhando de forma lícita para você, é a verdadeira independência financeira. Contudo os pais precisam mudar as maneiras de agir para que a criança se torne autônoma em suas atitudes. Percebemos que, apesar de orientar seus filhos, não existe a prática da mesada e nem da recompensa financeira para realizar tarefas domésticas e, poucas são as vivências das crianças em produzir ganhos e controle de gastos, embora exista a prática em algumas famílias, observamos que os filhos não são estimulados a participarem ativamente.

Buscar uma renda extra para aumentar a receita da família é a opção de algumas famílias. Entramos em uma sociedade onde é fundamental ter o melhor carro, as melhores coisas e principalmente dando tudo aos nossos filhos para sermos bons pais. Colocamos em nossa cabeça que precisamos comprar roupas, alimentos, viajar, mas nem sabemos ao certo porque agimos assim. O consumo, nem sempre está errado, contudo é preciso analisar qual o principal critério que utilizamos para gastar nosso dinheiro. Existem divergências nas maneiras de consumo de cada pessoa, isso ocorre, pois existe um critério de escolha e esse critério é diferente em cada indivíduo, assim é possível diferenciar o consumismo funcional de um gasto supérfluo. Gastos supérfluos, não são aqueles que a sociedade diz ser errado, mas sim aquele consumo o qual o sujeito, não sabe o real sentido de ter adquirido, sem justificativa. Ter, ou não dinheiro é relativo, às vezes aquilo que é fundamental para um, não está dentro do que é importante para outros.

Diante de todo o exposto, o principal objetivo deste trabalho, foi aprofundar o assunto que nos chama a atenção, a educação financeira, assim, estudar os comportamentos destas onze famílias pesquisadas, para um conhecimento mais profundo sobre os hábitos a fim de nos capacitar para uma futura intervenção pedagógica mais qualificada ao abordar este tema transversal dos currículos da educação básica. Esta pesquisa nos possibilitou

ainda ampliar nossa consciência profissional do quanto a educação financeira está implicada na tarefa pedagógica de conduzir a criança à sua realização integral.

REFERÊNCIAS

ABREU, Isabella. **Crianças e educação financeira: bons hábitos que podem mudar o futuro.** Dinheirama. 2015. Disponível em: <https://dinheirama.com/criancas-educacao-financeira-bons-habitos-podem-mudar-futuro/>. Acesso em 10 jun. 2021.

ALVES, A. Os *Planejamentos de Pesquisa qualitativas em educação.* **Caderno de Pesquisa.** Fundação Carlos Chagas. São Paulo, ed. 77, maio de 1991, p. 53-61. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1042>. Acesso em 29 jul. 2021.

ARCURI, Nathalia. **Me Poupe.** Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Banco Central do Brasil. **Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais.** Brasília: BCB, 2013. 72 p. Disponível em https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf Acesso em 10 jul. 2021.

CADERNO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA - Gestão de Finanças Pessoais, 2014. Disponível em <https://br1lib.org/book/16273225/f5860e?id=16273225&secret=f5860e> Acesso em 29/07/2021.

CENPEC EDUCAÇÃO. **Educação Financeira na BNCC,** 2019. Disponível em <https://www.cenpec.org.br/tematicas/educacao-financeira-na-bncc> Acesso em 29/07/2021

D'AQUINO, Cássia. **Como falar de dinheiro com seu filho.** São Paulo: Saraiva, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo. Atlas, 2010.

KIYOSAKI, Robert T. **Pai rico: desenvolva sua inteligência financeira.** 2. ed – Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de ontopsicologia.** 2. ed. Recanto Maestro (RS): Ontopsicologica, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Jovens e Realidade Cotidiana.** Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica, 2017.

MENEGHETTI, Antonio. **Os jovens e a Ética Ôntica.** 2. ed. Recanto Maestro (RS): Ontopsicologica, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. ***Pedagogia Ontopsicológica***. 3. ed. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica, 2014.

PREGARDIER, Ana Paula Mariana. *Método lúdico-vivencial de formação de hábitos financeiros e a abordagem da pedagogia ontopsicológica*. **ANAIS. II Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia para a Sociedade futura**. ISBN 978-85-60901-07-6. p. 466-475. set. 2016.

VARGAS, Darla. O trabalho infantil: exploração ou estímulo à autonomia. ANAIS. **Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura**. 2018, p. 1-6. Disponível em <https://reciprocidade.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/425/346> Acesso em 27/07/2021.

VIDOR, Alécio. A gratificação na Educação. **Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do jovem para a sociedade do futuro**. Fundação Antonio Meneghetti. Recanto Maestro: São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017 (p. 67-68). Disponível em <https://fundacaoam.org.br/pedagogia-contemporanea-pt> Acesso em 27/07/2021.

APÊNDICE 1 – QUADROS PERGUNTAS

QUADRO 1 - PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS FAMÍLIAS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TEMA	QUESTÕES
<p>Identificar quais são as práticas que os pais utilizam para fazer a orientação financeira de seus filhos</p>	<p>Gratificação / Orientação</p>	<p>1) O senhor(a) paga seu filho para ele fazer alguma tarefa em casa? (Relatar qual e quanto paga). Porque começou a fazer isso?</p> <p>2) O senhor(a) paga seu filho para ele fazer alguma tarefa em casa? (Relatar qual e quanto paga). Porque começou a fazer isso?</p> <p>4) Você sempre dá o valor que seu filho solicita? Porque?</p> <p>5) Dá alguma orientação ao filho ou apenas dá o dinheiro?</p> <p>16) Seu filho compra muitas porcarias ou guloseimas?</p> <p>19) O filho tem responsabilidades no auxílio de tarefas domésticas (lavar louça etc)? Quais responsabilidades?</p> <p>20) O filho desperdiça o material escolar (caderno, lápis, borracha, cola etc.)</p> <p>21) Sempre pede e orienta o filho a pedir nota fiscal nas compras que realiza? Porque?</p>
<p>Conhecer a forma de gestão financeira praticada pelas famílias</p>	<p>Modo de uso/ organização financeira / investimento</p>	<p>3) O que seu filho faz com o dinheiro que recebeu por realizar as tarefas? (O senhor (a) interfere nisso?)</p> <p>6) Dá alguma orientação ao filho ou apenas dá o dinheiro?</p> <p>7) Você costuma levar seu filho ao supermercado? Quando vai ao supermercado e o seu filho pede algo, costuma orientar ou conversar com ele para comparar os valores/quantidade/qualidade? Conte como faz? Dê um exemplo</p> <p>8) Existe um controle de gastos (entrada e saída de valores)? Como é realizado o registro? Os filhos participam desse registro? (água / luz ...)</p> <p>11) O filho tem algum cofrinho, caderneta de poupança ou alguma outra forma de guardar dinheiro? Como faz para obter esses valores e que</p>

		<p>destino é dado para estes valores?</p> <p>18) Quando realiza uma compra, qual é a forma de pagamento preferencial que utiliza (a vista, por exemplo, no crédito) costuma analisar a relação custo/benefício?</p> <p>9) É hábito na família buscar renda extra para suprir as necessidades? Conte como realizam?</p>
<p>Analisar as formas de consumismo das famílias</p>	<p>Supérfluo Desperdício</p>	<p>10) O que acontece quando roupas, calçados ou brinquedos dos filhos não são mais úteis?</p> <p>12) Na sua opinião, na sua casa, existe desperdício de água, de energia elétrica?</p> <p>13) Você lê e segue as orientações dos rótulos de produtos de limpeza (detergentes, desinfetante, amaciante, sabão em pó ou líquido ...)</p> <p>14) Que gastos supérfluos percebe que existem em sua casa?</p> <p>15) É costume fazer lanches ou refeições fora de casa? (Qual a frequência)</p> <p>17) Existe desperdício de alimentos em casa? como se faz quando existem sobras de alimentos?</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

QUADRO 2 - GRATIFICAÇÃO E ORIENTAÇÃO SOBRE O DINHEIRO

	RESPOSTA
F1	não, recebe por fazer tarefas de casa, porém possui responsabilidades em realizar aquelas tarefas que estão ao seu alcance. não recebe mesada, também não lhe dão dinheiro sempre que solicitado. não gasta dinheiro com guloseimas nem porcarias, não desperdiça material escolar.
F2	não, nunca oferecemos dinheiro para os filhos realizarem alguma tarefa. Ainda não damos mesada. ganham dinheiro às vezes, mas com os pais juntos e cuidamos a reação deles com o dinheiro. não damos o valor que eles solicitam, até porque eles não sabem o real valor, estamos ensinando aos poucos. os filhos possuem responsabilidade com as tarefas de casa em que possam ajudar. só comem guloseimas as vezes e com autorização, não desperdiçam material escolar.
F3	não pagam por realizem tarefas, porém auxiliam nas tarefas de casa, como secar louça, tirar o lixo e guardar os brinquedos. não recebe mesada e o dinheiro quando solicitado depende para que é. não consome guloseimas e não desperdiça material escolar
F4	às vezes quando surge uma oportunidade 5,00 para arrumar o quarto, para incentivar a fazer a tarefa, e aprender que o dinheiro acaba se gastar. não pago mesada, pois pagamos previdência. não damos dinheiro sempre, porque tudo tem limites, se não vai querer todos os dias. responsabilidades com tarefas de casa, são poucas só manter o quarto e manter a

	organização da casa. as guloseimas eu que compro o que precisa, que eu saiba não desperdiça material escolar.
F5	não recebe nenhum pagamento, nem por realização de tarefas, nem mesada, também não possui responsabilidade com tarefas de casa\ sim compra muitas guloseimas e porcarias, desperdiça mais ou menos material escolar.
F6	não paga para fazer tarefas, não paga mesada dá presentes de coração. dá dinheiro quando preciso e se tiver, pois escolheu ter filhos e a única responsabilidade que possuem é arrumar as bagunças que fazem. raramente ganham guloseimas e não desperdiçam material escolar.
F7	não recebe por fazer tarefas de casa mas é responsável por algumas, recebe mesada para aprender a trabalhar com o dinheiro, se ganha dinheiro dependendo para que é e nem sempre quando solicita. não gasta com guloseimas e não desperdiça material escolar.
F8	não paga para realizar tarefas em casa. o filho recebe mesada no valor de 50,00 desde os nove anos de idade, por ser dedicada na escola e em casa, por isso a criança não ganha dinheiro sempre que pede, pois ganha todo mês, suas responsabilidades em casa são de secar louça, arrumar seu quarto e tirar pó. poucas vezes compra guloseimas e não desperdiça materias escolares, pois são caros e podem ser reutilizados.
F9	ganha mesada de 60,00 desde os oito anos de idade com a intenção de iniciação à educação financeira. não recebe sempre o dinheiro que pede, se acabar precisa esperar até o próximo mês, assim irá entender se gastar acaba. cuidar do quarto e dos animais de estimação são suas responsabilidades, gastos com guloseimas é pouco até por uma questão de saúde e oriento a cuidar do material escolar, pois custa caro.
F10	não ganha dinheiro nem para fazer tarefas, nem de mesada, também não ganha quando solicita, suas responsabilidades são de limpar a casa e lavar a louça. compra muitas guloseimas e não cuida do material escolar é desperdiçado e como.
F11	não ganha por fazer tarefas e nem mesada, o dinheiro quando solicitado deve ter um por que. tarefas como cuidar do quarto. gosta muito de guloseimas e o material escolar é cuidado com capricho.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

QUADRO 3 - ORIENTAÇÃO NO COTIDIANO COM O DINHEIRO

F1	Ao ir ao supermercado é orientada a pegar somente o necessário, não oriento sobre a nota fiscal. O controle de gastos é feito em uma planilha e há participação sim. Não buscamos renda extra e o cofrinho ao encher é levado para depósito em banco. Quando compramos preferimos pagar à vista
F2	Tenho interesse no que meu filho gasta, assim orientamos da importância/ necessária do dinheiro. Desde de bem novos orientamos a importância das coisas, no mercado principalmente, eles pedem, mas sempre foram orientados e entendem que não podem comprar tudo, sobre a nota fiscal não oriento. Não temos renda extra. Cofrinho que tem sempre usam para comprar algo do interesse. Quando compramos algo, possivelmente é a vista. E os filhos ainda não participam do controle de gastos.
F3	Quando dou dinheiro oriento, sim levamos ele ao mercado e sempre comparamos o valor, quantidade e qualidade, não oriento em relação a nota fiscal. O controle de gastos é anotado em um caderno tudo que temos que pagar, mas os filhos não participam. Temos renda extra além do nosso principal trabalho. Ele tem cofrinho e as moedas de troca são dadas a ele para guardar e gastar nas férias dele. Utilizamos as duas formas de pagamento, mas se não for preciso não utilizo o crédito.
F4	O dinheiro que ele ganha guarda para as coisas dele, principalmente jogos para PS, interfiro

	se necessário orientamos sempre e explicamos sobre o dinheiro. Ao supermercado não levamos muito, normalmente eu faço as compras, mas eles pedem o que precisa, sobre a notas nunca falei muito. Existe controle de gastos, filhos não participam, não temos renda extra. Tem cofrinho, ganham dinheiro de presente dos avós em datas, algumas tarefas que fazem, o dinheiro é guardado por eles, mas só compram com autorização. Pagamos por PIX e sempre analisamos.
F5	Não ganha dinheiro sem necessidade, oriento ele, as vezes levo ele ao supermercado, converso com ele sobre o que pode comprar, que não pode comprar tudo que ele quer, não falo das notas fiscais. Não temos controle de gastos e não fazemos renda extra. Ele tem cofrinho, não gasta, geralmente compramos no crédito.
F6	Como não pago por realizar tarefas, sempre pergunto qual a finalidade do dinheiro e sim, oriento sempre quanto ao seu uso. Sim sempre oriento sobre custo/ benefício/ quantidade/ qualidade, nota fiscal para orientar o que para a criança? Para elas saberem desde pequenas que trabalhamos 5 meses do anos basicamente só para pagamos impostos? Quando elas entenderem explico, mas com nove e seis anos não tem lógica, as maiores já sabem. Sim faço controle, basicamente, tenho, posso gastar menos do que ganho, elas não participam. Não temos renda extra. A maior parte dos valores recebidos elas guardam no cofrinho sem eu precisar falar. Os pagamentos preferencialmente à vista e com desconto.
F7	O dinheiro é guardado numa conta bancária (poupança). Sem dúvida orientamos e muito. Sim nos acompanha no mercado, fizemos as compras para a casa, sempre há conversa. Às vezes há controle de gastos. Sim temos renda extra, dou aula particular e ainda trabalho aos finais de semana. Temos cofrinho e conta bancária para o seu futuro. Pagamentos sempre depende do caso.
F8	Gasta com guloseima aquilo que ganha, não interfiro, orientamos que compre aquilo que utilize ou goste de comer. No mercado, sempre conversamos sobre o valor que pode gastar, e ver produtos que consegue com o valor que tem, sempre peço a nota fiscal para comparar preços. Não existe controle de gastos e não temos renda extra. Tem cofrinho e conta bancária. Pagamentos dependem se o valor à vista se diferencia muito do a prazo, caso não faço no crédito.
F9	Não interfiro, geralmente economiza por meses para comprar brinquedos, sempre explico se acabar vai esperar até o próximo mês. Levo sempre junto ao mercado, geralmente pode escolher uma “bobagem” e sempre peço para me dizer quanto custou, também peço ajuda para escolher os produtos, vendo os preços. Não temos um registro de gastos, mas sempre explicamos que precisa economizar que custa caro. Não temos renda extra trabalhamos em turno integral. Ela tem previdência privada, onde não tem acesso apenas com 18 anos, minha filha mais velha comprou seu carro com a poupança, os valores são depositados mensalmente. Compro muito no crédito, não costumo analisar depende mesmo na disponibilidade financeira.
F10	Não oriento porque não ganha, não dou orientação nem dinheiro, não levo ao mercado, não tem controle de gastos, nem renda extra. Ela tem um cofrinho que os tios e dindos dão dinheiro e quando falta material escolar ela compra. Não analiso compro no crediário.
F11	Quando ganha oriento, e interfiro se necessário, levo junto ao mercado e cuidamos os melhores preços não oriento da nota fiscal, anotamos todos os gastos e não temos renda extra, tem cofrinho para guardar trocos ou algum dinheiro que sobrar, compro preferencialmente a vista.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

QUADRO 4 - CRITÉRIOS DE CONSUMO E HÁBITOS SUPÉRFLUOS

F1	são entregues para doação a famílias que necessitam, não acredito que tenha desperdícios em casa, não leio rótulos, a princípio nenhum gasto supérfluo, não costumamos lanchar fora e as sobras de alimentos vão para os animais ou para a horta.
F2	recolhemos as roupas com os filhos e doamos. não há desperdício, pois orientamos a não desperdiçarem, não há gastos supérfluos, seguimos os rótulos dos produtos. costumamos aos finais de semana fazer refeições fora de casa, os desperdícios são armazenados conforme as normas do lixo.
F3	são revendidos em nosso brechó, não temos desperdícios, não seguimos os rótulos,

	nosso gasto supérfluo são muitas refeições fora de casa de quatro a cinco vezes na semana, não desperdiçamos comida.
F4	doamos e desapegamos em briques e o valor é retornado em roupas. cuidamos para não gastar, sigo rótulos, não percebo nada de gastos supérfluos, jantamos fora aos finais de semana e os restos de comida aproveitamos para os animais e composteira.
F5	algumas eu vendo, outras eu faço doação. acredito que sim há desperdícios de água/ luz, leio os rótulos, não temos nada de supérfluo, saímos aos sábados. algumas coisas de alimentos vão para o lixo.
F6	sempre são todas doadas. A principio não desperdiçamos luz nem água e comida jamais, sempre reaproveitamos ao máximo. lemos o rótulo de todos os produtos. na vida não há supérfluos, tudo que se compra é para uma satisfação para a vida, supérfluo é passar a vida guardando dinheiro e não viver. refeições fora de casa de duas a três vezes por semana.
F7	são doadas ou vendidas, não desperdiçamos luz/ água nem comida, tudo é reaproveitado, não temos nada de supérfluo, as vezes fazemos refeições fora de casa, às vezes leio os rótulos.
F8	faço doações ou vendo. não há desperdícios de luz nem de água a comida guardo para dar aos porcos, leio os rótulos e saímos no máximo duas vezes ao mês.
F9	a maioria das roupas são doadas, as que estão em estado de nova são vendidas e o valor é utilizado para comprar roupas novas. desperdícios de luz e água sempre tem um pouco. os rótulos leio menos do que deveria supérfluo não acredito que sejam pela qualidade de vida, geralmente fazemos refeições fora de casa três vezes na semana, o que sobra de alimentos vão para os animais.
F10	É dado para a prima, não há desperdício, não há supérfluo, não fazem lanche fora de casa, as sobras vão para os cachorros e galinhas, não leio rótulos.
F11	são doadas, sempre há um pouco de desperdício, não leio rótulos, supérfluo só muitas refeições fora de casa em torno de quatro na semana, comida geralmente reaproveitamos.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

APÊNDICE 02- QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELAS FAMÍLIAS

Dados de Identificação

Idade / Sexo

Quantos filhos (idade dos filhos)

Quantos membros tem a família

1. O senhor(a) paga seu filho para ele fazer alguma tarefa em casa? (Relatar qual e quanto paga). Porque começou a fazer isso?
2. O senhor(a) dá mesada para seu filho(a)? Quanto? Desde quando? (quanto tempo que faz isso). Porque começou a dar mesada?
3. O que seu filho faz com o dinheiro que recebeu por realizar as tarefas? (O senhor (a) interfere nisso?)
4. Você costuma dar sempre dinheiro para o seu filho quando ele solicita? Porque?
5. Você sempre dá o valor que seu filho solicita? Porque?
6. Dá alguma orientação ao filho ou apenas dá o dinheiro?
7. Você costuma levar seu filho ao supermercado? Quando no supermercado e o seu filho pede algo, costuma orientar ou conversar com ele para comparar os valores/quantidade/qualidade? Conte como faz? Dê um exemplo. Orienta sobre a nota fiscal?
8. Existe um controle de gastos (entrada e saída de valores)? Como é realizado o registro? Os filhos participam desse registro? (Água / luz ...)
9. É hábito na família buscar renda extra para suprir as necessidades? Conte como realizam?
10. O que acontece quando roupas, calçados ou brinquedos dos filhos não são mais úteis?
11. O filho tem algum cofrinho, caderneta de poupança ou alguma outra forma de guardar dinheiro? Como faz para obter esses valores e que destino é dado para estes valores?
12. Na sua opinião, na sua casa, existe desperdício de água, de energia elétrica?
13. Você lê e segue as orientações dos rótulos de produtos de limpeza (detergentes, desinfetante, amaciante, sabão em pó ou líquido ...)
14. Que gastos supérfluos percebe que existem em sua casa?
15. É costume fazer lanches ou refeições fora de casa? (Qual a frequência)

16. Seu filho compra muitas porcarias ou guloseimas?
17. Existe desperdício de alimentos em casa? como se faz quando existem sobras de alimentos?
18. Quando realiza uma compra, qual é a forma de pagamento preferencial que utiliza (a vista, por exemplo, no crédito) costuma analisar a relação custo/benefício?
19. O filho tem responsabilidades no auxílio de tarefas domésticas (lavar louça etc.)? Quais responsabilidades?
20. O filho desperdiça o material escolar (caderno, lápis, borracha, cola etc.)

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Termo de compromisso do pesquisador para o uso de dados e preservação do material com informações sobre os sujeitos em arquivo (prontuários e material biológico).

Título do projeto: Educação Financeira

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Estela Maris Giordani

Pesquisadora orientanda: Giane Kiefer

Instituição de origem da pesquisadora: Antonio Meneghetti Faculdade- AMF

Área de Conhecimento: TCC

Curso: Licenciatura em Pedagogia

Telefone para contato: (55)991433336

Local da Coleta de Informações: Turma do 4º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Reis

O(s) pesquisador(es) do projeto acima identificado(s) assume(m) o compromisso de:

- I. Preservar o sigilo e a privacidade dos sujeitos cujos dados (informações e/ou materiais coletados) serão estudados;
- II. Assegurar que as informações e/ou materiais coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa.

O(s) pesquisador(es) declara(m) ter conhecimento de que as informações pertinentes às técnicas do projeto de pesquisa somente podem ser acessados por aqueles que assinaram o Termo de Confidencialidade, excetuando-se os casos em que a quebra de confidencialidade é inerente à atividade ou que a informação e/ou documentação já for de domínio público.

Restinga Seca, de de 20..... .

Assinatura Pesquisador Responsável

Nome:

Assinatura Pesquisador orientando

Nome:

Giane Kiefer